

Campus

Jornal-laboratório do
Departamento de Comunicação da UnB

Nº 86
De 4 a 11 de Dezembro de 1985

OLHOS D'ÁGUA
Uma comunidade
de tradição, luta
e pesquisa.
Págs. 10 e 11

Foto: Ana Paula Padrão



Querem tirar a maconha do Código Penal

Fumar maconha pode deixar de ser crime. Pelo menos é o que querem os que não vêem na cannabis um perigo à saúde e à sociedade. Páginas 6 e 7

Pregações, curas e exorcismo em Taguatinga Sul

O missionário Doriel e seus discípulos lutam contra os vícios e os demônios, usando até um serviço especial: a Tele-Bênção. Página 9

Foto: Susana Dobal



MEIO

SINHÔ MINISTRO
DA EDUCAÇÃO

ANSIOZAMENTE,

CAMPANHA A ALFABETO

Analfabetismo num
acabô inda não!

MARINA GODOI

Alunos do segundo semestre do Curso de Comunicação Social do CEUB fizeram uma montagem fotográfica, mostrando uma carta de todos os analfabetos do Brasil ao ministro da Educação. O cartaz, resultado de um trabalho de seis alunos, nasceu da idéia de questionar satiricamente o grave problema do analfabetismo no Brasil, através da comunicação visual. E pelo visto, o cartaz veio na hora certa, justamente agora que o governo acabou de extinguir o MOBRAL e criar a Fundação Educar.

O governo depois de certificar que o MOBRAL em vez de alfabetizar os brasileiros em um curto período, provocou o analfabetis-

mo de outros mais, resolveu dar mais atenção aos analfabetos do País. Afinal de contas, eles agora votam e nada mais justo do que conscientizá-los das propostas de cada partido, o que só seria possível se soubessem ler.

A decisão do presidente da República de acabar com o MOBRAL já era esperada, pois o MOBRAL representa uma cacaria da Velha República e como já estamos na Nova República nada mais certo e correto do que eliminar os cacos do passado. Mas há quem afirme que as cacarias foram um dia pratarias. O certo é que este cartaz feito pelos alunos foi um trabalho bem bolado, digno de elogio e divulgação em todo o Brasil.

Campus

Jornal Laboratório do Departamento de Comunicação da UnB
Editor Geral: Carlos Augusto Setti
Secretário de Redação: Hélio Doy-
le

Editoria de Arte: Maria Rita Leal
e Chico Amaral

Editora de Fotografia: Prof.ª Lul-
za Venturini

Editores: Flávio Silveira, Marina Godoi, Milton Cintra, Otávio Veríssimo (UnB); Ana Teresa Vieira, Nicolau El-Moor, Maria de Lourdes Tavares (Comunidade); Ana Paula Araripe, Luis Carlos Queiroz (Especial); Catarina Guerra, Cláudio Brandt, Glória Carvalho (Nacional); Cláudio Ferreira, Cynthia Rosa, Idhelene Macedo, Suzane Sobral (cultura); Carlos André, Joyce Russi, Rosani Aparecida, Zelia de Freitas (Ciência); Cláudio Ferreira e Idhelene Macedo (Opinião).
Repórteres: Marcelo Feljó, Mar-

garete Vitória, Margarete Marmori, Perla Alves, Regina Cely, Sandra Sato (UnB); Denise Sá, Fábio Guimarães, Maria Caclida Benevides (Comunidade); Sandra Machado (Especial); Adélia Fernandes, João Paganini, Júlia Cláudia, Mariuce Paulista, Reinaldo Freitas (Nacional); Francisco Henrique, Hélio Franco, Heloisa Helena (Cultura); Cautenis Lemos, Martha Faria, Shirlene Costa (Ciência).

Fotógrafos: Ana Paula Padrão, Cecília Maria, Cláudio Reiz, Cynthia Rosa, Luis Carlos Queiroz, Marcelo Feljó, Nicolau El-Moor, Rubens Rebouças, Reinaldo Freitas, Suzana Dobal.

Laboratorista: Jeová Xangô.
Ilustrações: Adriano Vale, Flávio Silveira, Francisco Henrique, Humberto Junqueira, Pedro Henrique.
Composição, Impressão e Revisão: Correio Braziliense.



Professor responde às denúncias

Senhor Redator:

Com interesse li a matéria envolvendo meu nome na coluna "Denúncia" do jornal publicado sob sua responsabilidade. Certo de que as informações em pauta — truncadas umas, inverídicas outras — chegaram já adrede preparadas a quem assinou a matéria, peço-lhe a fineza de publicar em seu próximo número, na Integra, os meus Esclarecimentos, em anexo.

Antecipando meus agradecimentos, apresento-lhe as minhas atenciosas saudações. U. G. BARANOW.

Em tempo:

Pedi ao Prof. João Pedro Mendes para entregar-lhe pessoalmente o presente pedido.

Esclarecimentos

No jornal Campus de 21/30 de outubro de 1985, distribuído na Universidade de Brasília, foi publicada uma "denúncia", envolvendo o nome do Prof. Ulf G. Baranow, do Departamento de Letras de Linguística. O professor é acusado de estar fruindo "mordomias" na Europa às custas da Universidade. A bem da verdade, os seguintes esclarecimentos parecem oportunos:

(1) Teria havido quatro recursos interpostos contra o afastamento do professor para a Universidade de Aarhus (Dinamarca). — Esclarecimento: Houve apenas dois recursos, ambos julgados (democraticamente) pelos respectivos colegiados, e a favor do inte-

ressado. A alegada apresentação de um terceiro recurso ao Conselho de Administração nunca se concretizou, e um quarto também alegado recurso jamais existiu até a data de publicação do jornal.

(2) O Prof. Baranow teria pedido à UnB prorrogação de sua permanência na Universidade de Aarhus, Dinamarca, onde se encontra desde maio de 1985, exercendo temporariamente as funções de leitor brasileiro. — Esclarecimento: O professor nada pediu; houve uma consulta à UnB por parte de autoridades brasileiras (Itamaraty) e dinamarquesas (Universidade de Aarhus), à vista do comum interesse em consolidar o primeiro e único Leitorado

Brasileiro no Norte da Europa, sediada naquela universidade.

(3) O indeferimento pela Reitoria da UnB teria posto fim a um convênio que já dura dois anos. — Esclarecimento: Não existe nem houve convênio algum entre as duas universidades até a data de publicação do jornal.

(4) A UnB estaria desembolsando mil dólares mensais, além do salário do professor e outras vantagens. — Esclarecimento: O professor vem recebendo, desde julho de 1985, o equivalente a 900 dólares por mês (que incluem o seu salário de Adjunto III na UnB) para garantir a sua manutenção no Exterior. Estes proventos são inferiores aos de um professor local em condições idênticas.

(5) A UnB teria pago as passagens de ida e volta, inclusive para a companhia. — Esclarecimento: O professor pagou as passagens do próprio bolso — em prestações. Não houve "acompanhantes".

(6) O professor não estaria qualificado para a função que está exercendo. — Esclarecimento: Se assim fosse, a sua permanência por mais um ano no Leitorado Brasileiro não teria sido solicitada pelas partes interessadas (v. item 2 acima).

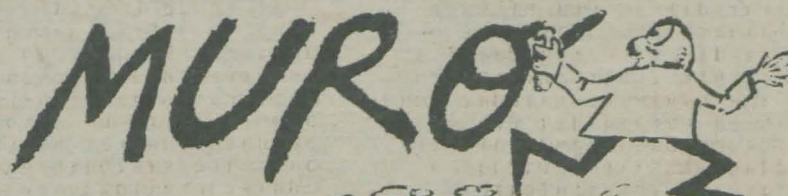
Prof. Ulf G. Baranow
Universidade de Aarhus, Dinamarca

É só para
esclarecer

A Redação do Jornal Campus: Venho solicitar uma retificação por parte deste Jornal em relação à notícia de título **Alunos lutam por apoio à pós-graduação**, no número 84, página 4. Entendendo que houve uma interpretação errônea de minhas declarações solicito o esclarecimento à comunidade dos seguintes pontos. A discussão no Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação quanto à implantação da disciplina **Estágio em Práticas Didáticas** não é quanto ao caráter obrigatório desta, pois a sugestão é seu oferecimento em caráter opcional, mas sim quanto aos aspectos profissionais e econômicos envolvidos. O custeio das teses, na sua elaboração final (datilografia, cópias etc) é feito pelos alunos de pós-graduação na maioria das vezes, sendo que há alguns auxílios ocasionais, por parte dos cursos de pós-graduação, para alguns alunos, não havendo uma política clara e objetiva neste sentido, nem a nível geral ou particular.

Agradeço a atenção e a oportunidade dispensada ao debate dos problemas da pós-graduação desta Universidade. Colocando-me a inteira disposição para quaisquer informações adicionais necessárias, despeço-me atenciosamente. Marcos Sulta.

Presidente da Associação de Pós-Graduandos da UnB.

Cultura brasiliense,
escape da repressão

Se me perguntarem se tem características próprias a cultura musical brasiliense, responderei que sim.

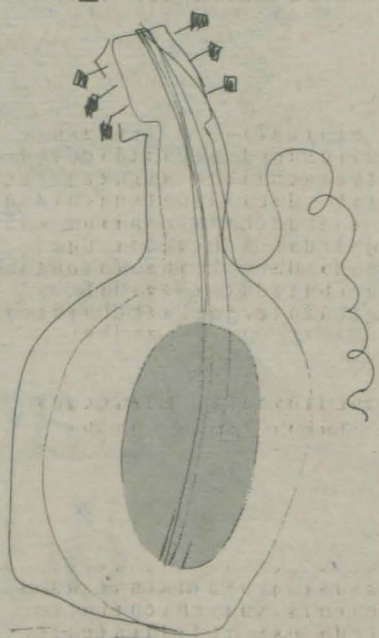
Característica própria da cultura musical brasiliense, por exemplo, é o papo que tive com o Marcelo, baixista dos "Marcianos Sodomitas" em que falou-me chateado da barreira do seu grupo nas segundas-feiras musicais.

Característica própria da cultura musical brasiliense, como se vê, é o estado represando rios, julgando o que não é da sua competência julgar, calando e sendo descortes com certa parte daqueles que fazem música por estas bandas.

Acaso as segundas-feiras musicais não foram prometidas como válvula de escape a esta cidade oprimida?

Acaso as segundas-feiras musicais não foram prometidas aqueles que fazem a música do jeito que bem a conceberem?

Acaso não é a cultura, manifestação da vida?
(Aldo Justo, do Liga Tripa)



Nicolau El-moor



Cristovam - UnB é a esquina que faltava para debater a Constituição

A Universidade pode contribuir?

xpressões de idéias foi o que esta abertura do projeto "A Constituinte na UnB" possibilitou. Favoráveis ou não, otimistas ou não... todos na expectativa do que possa ser a próxima Constituição e a participação da Universidade neste momento tão importante do país.

FLAVIO BIERREMBACH — (Deputado pelo PMDB-SP) — "De todas as instituições do mundo moderno há apenas três que se destacou porque têm compromisso com a verdade: a imprensa, o Poder Judiciário e a Universidade. No atual estágio da História do Brasil, mais do que as outras duas, a Universidade pode e deve adotar uma postura crítica em relação à sociedade, apontando rumos para que o país supere a atual fase de transformações e ingresse no século XXI com uma Constituição apta a promover a reconciliação entre o governo e o povo".

JOAO BOSCO — (cantor) — "Olha, eu acho que a Constituinte é uma carta que pertence à Nação. É importante a participação de toda a população e inclusive a Universidade, porque é o núcleo da inteligência brasileira. Mas não acho menos importante a participação da Universidade do que a participação das classes mais humildes".

JOSE PAULO SEPÚLVEDA PERTENCE — (Procurador Geral da República) — "A Universidade, como centro de elaboração de idéias, está especialmente equipada para o estudo e discussão de temas básicos e deve estar sobretudo equipada para dar objetividade à discussão e fugir ao emocionalismo de questões adjetivas que a tem adiado e esvaziado. A população deve delinear alguns pontos básicos em torno dos quais se estabeleça um pacto de compromissos na campanha para a Constituinte".

EDILBERTO DIAS CAMPOS — (aluno de História e um dos coordenadores da MTEU) — "Eu acho que a Universidade tem um papel fundamental a cumprir porque, se não me engano, ela tem o papel de discutir a sociedade e seus problemas. Nela deveria se encontrar os intelectuais responsáveis pela discussão desses problemas. Na minha opinião, no entanto, esses intelectuais deixam muito a desejar e eu acredito que vai continuar assim.

A contribuição da Universidade, promete ser mediocre porque ela vive o que hoje se chama de crise na

Universidade Brasileira. Os professores discutem muito pouco e os alunos discutem menos ainda. Na Universidade Brasileira não há discussão a contento dos problemas do país".

GRANDE OTELO — (artista, cantor) — "O Brasil continua sendo o país novo. O Brasil procura através de seus governantes e representantes na Câmara usar empregar idéia de outros países, idéias que às vezes não encontram campo em nossa terra. E preciso que estes homens estejam calmos e tranquilos, limpos de coração e de cabeça para fazer uma Constituição que esteja realmente de acordo com toda a massa do povo brasileiro, quando digo, principalmente, lembro da miscigenação que existe em nossa terra. Deve-se prestar atenção às diversas etnias e suas necessidades".

JOAO CARLOS TEATINE — (presidente da ADUnB) — "Nossa preocupação é barrar ou retroceder o ensino pago, fazer valer o ensino público e gratuito como direito de todos e dever do Estado. Vamos resgatar a luta nacional pela produção de tecnologia e ciência nacionais, não nos esquecendo de outras questões, também".

Nicolau El-moor



Canto pelo sangue crioulo na próxima Carta

CONSTITUINTE

Simpósio, shows, um ano de debates

SANDRA SATO
MARGARETH MARMORI

"A cidade de Brasília encontra na UnB a esquina que precisa para discutir a Constituição". Com esta frase, durante o lançamento do Projeto Constituinte na UnB, no dia 20 de novembro, o Reitor Cristovam Buarque definiu a importância desse programa para a comunidade brasileira. Dos dias 18 a 22 de novembro, numa promoção do Decanato de Extensão, do Departamento de Sociologia e do Programa Nacional de Desburocratização, o ciclo de debates A Universidade Brasileira e a Constituinte, shows e exposições de filmes marcaram o início desse projeto, que irá até 10 de novembro de 1986.

Além do Reitor da UnB, o lançamento do projeto contou com a presença de parlamentares, representantes sindicais, do Ministro da Justiça, Fernando Lyra, do Ministro da Desburocratização, Paulo Lustosa, do Procurador Geral da República, José Paulo Sepúlveda Pertence e do Secretário de Educação do Governo do Distrito Federal, Pompeu de Sousa. O ministro da Justiça salientou a importância da UnB no processo de reformulação da Universidade brasileira e elogiou a Reitoria, a comunidade universitária e o Ministério da Desburocratização pela iniciativa do projeto. O ministro Paulo Lustosa classificou seu apoio ao projeto como um estímulo à discussão e à participação da popu-

lação na nova montagem da sociedade brasileira.

Enquanto os membros do governo evitaram falar sobre a forma da convocação da Assembleia Nacional Constituinte, outros participantes da solenidade não deixaram escapar a oportunidade, mesmo após a saída dos ministros. O presidente do Partido dos Trabalhadores do Distrito Federal, Luís Rossi, e o presidente do Sindicato dos Professores, Libério Pimentel, defenderam uma Assembleia Nacional Constituinte exclusiva. Demonstraram também sua preocupação com a representação brasileira na Constituinte. Pimentel propôs a eleição de representantes intermediários para Brasília, como deputados estaduais e vereadores. Rossi defendeu a eleição para governador e vice-governador do DF já em 86.

O Auditório Dois Candangos, no lançamento do Projeto Constituinte na UnB, esteve quase lotado. No entanto, os debates realizados no anfiteatro 9, nos dias 20, 21 e 22, tiveram uma participação reduzida. Mesmo a abordagem de temas polêmicos como Universidade e Constituinte e Universidade e Democracia não foram suficientes para provocar uma boa discussão.

Ao ciclo de debates A Universidade Brasileira e a Constituinte somou-se uma variada programação artística e cultural. Nos anfiteatros 8 e 9, de segunda a sexta-feira, foram exibidos

filmes sobre a vida política do país, como *Jango e Jânio a 24 Quadros*. O conjunto *Liga Tripa* espalhou sua música pelo campus, nas caminhadas pela Constituinte. Naomi e Joel, do grupo *Habeas Corpus*, em curtas apresentações teatrais no Bandeirão, estimularam a participação popular na Constituinte. Com uma incrível capacidade de improvisação, o mímico Miquêis Paz provocou muitos risos e reações quase infantis no público que o assistiu no Bandeirão e na entrada sul do Minhocão. Mas o ponto alto dessa programação foi o show de Música Brasileira pela Constituinte, na sexta-feira.

O público que lotou o Bandeirão, onde foi realizado o show, assistiu a uma variada apresentação musical que incluiu do chorinho à música sertaneja, de música de câmara a samba. Mas as grandes sensações foram Grande Otelo, na abertura, e João Bosco, no encerramento. Grande Otelo cantou, acompanhado do Liga Tripa, e contou histórias que provocaram muitos risos e manifestações carinhosas da plateia. Depois de mandar um axé para o país, João Bosco cantou e entusiasmou com músicas como "Papel Marchê", "Linha de Passe" e "Kid Cavacinho". Sobre a Constituição, o cantor e compositor falou da necessidade de colocarmos sangue crioulo na nossa próxima Carta Magna.

O Projeto está aberto a todos

Você pode estar na Constituinte. Só depende de você. Como? Participando do Projeto Constituinte na UnB. O Decanato de Extensão promete total apoio para qualquer um que queira levantar discussões sobre temas diversos relacionados com a futura Constituição do Brasil. Basta contatar o professor Lucio Castelo Branco, do Departamento de Sociologia.

O que for discutido na UnB certamente servirá de referência aos constituintes, porque os debates terão grande repercussão lá fora pelo peso que a Universidade possui no cenário nacional.

De acordo com Volnei Garrafa, Decano de Extensão, durante um ano (tempo de duração do projeto) pretende-se alimentar a população com o maior número de informações a fim de que ela possa instrumentalizar-se para votar bem. "O objetivo é romper o muro que separa a UnB e a comunidade um lobby democrático para combater o lobby econômico". Mas a luta não termina com a formulação da nova Carta Magna — o mais importante vem

depois, ou seja, garantir o seu cumprimento, o que, segundo Volnei, só será possível com uma população consciente que saiba cobrar seus direitos, quando lesados.

O PROJETO

A Constituinte na UnB, que é o primeiro projeto do Programa Permanente de Discussão e Reflexão sobre Temas Políticos e Sociais da Atualidade, está dividido em três fases: a UnB Ouve, a UnB Fala e a UnB Vota.

Na primeira fase, a UnB será palco de debates. Serão trazidas pessoas das várias áreas para falar sobre temas que devam constar na próxima Constituição. Espera-se que a comunidade universitária participe, não só comparando aos debates mas, também, propondo e expondo idéias. A UnB Ouve é o período de informação e formação de opiniões.

A atividade principal da UnB Fala será a promoção de um concurso de monografias. A comunidade, já alimentada com várias informações, poderá refletir e desenvolver trabalhos. Os vencedores receberão prêmios,

suas monografias serão publicadas e distribuídas para toda a Universidade, além de divulgadas através do sistema de telões, que serão implantados no bandeirão e em outros locais ainda não definidos, onde o próprio autor irá expor suas propostas.

Após debates, análises, estudos é hora de votar. Cada aluno, funcionário e professor da UnB receberá uma folha com inúmeras perguntas criadas a partir das discussões. Cada um poderá, através do voto, manifestar sua opinião sobre as questões mais polêmicas que deverão estar presentes nos debates para elaboração da futura Constituição. O resultado deste plebiscito será divulgado amplamente.

Paralelamente a esta programação, fascículos sobre o tema serão produzidos e, o mais importante, a UnB vai à comunidade dar minicursos e conferências. Quem participar receberá certificado do Decanato de Extensão — "Eu participei dos debates da Constituinte em 1986", que o camarada poderá colocar na sala de sua casa, brinca o decano Volnei.

FUTURO DA UNIVERSIDADE

Universidade: uma questão de tradição ou mudança?

OCTAVIO VERISSIMO

Não há soluções mágicas ou imediatistas para o Ensino Superior no Brasil. Esta é a conclusão que se pode tirar do debate promovido pelo Decanato de Pesquisas e Pós-Graduação, no último dia 21.

Mesmo não contando com a presença de Paulo Freire, o debate intitulado "Universidade: para onde vamos?" reuniu no Auditório da Reitoria os professores Carlos Chagas Filho (UFRJ), Carlos Morel (Flocruz), Erney Camargo (USP), Luis Gouvêa Lavoriau (IVIC, Venezuela), Roberto Cardoso Oliveira (Unicamp) e o reitor Cristóvam Buarque.

Como bem caracterizou Cristóvam Buarque, o principal, hoje, é que não temos claro qual é o nosso papel. A procura é o objetivo e o objetivo da universidade, hoje, é a procura de seu papel. Então, prosseguir, a primeira coisa é que a universidade tem de entender que há problemas na sociedade e que ela deve estruturar-se para buscar soluções para estes problemas. O nosso papel não é formar médicos e advogados e sim formar pessoas que possam se organizar para solucionar os problemas. Como está, ela não vai conseguir.

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

Para o professor Carlos Chagas Filho, o problema da universidade é essencialmente o problema da sociedade brasileira. "A sociedade brasileira nunca soube, nem se interessou pela universidade. Na verdade a universidade é considerada por muitos como um local de ensino. Eu acho que a universidade não é um lugar de ensino, mas um lugar onde a gente faz com que os alunos aprendam. Para ser assim a universidade é essencialmente uma instituição de pesquisa e porque pesquisa, tem a capacidade de formar a sociedade. Entretanto, tem que formar uma sociedade não na base do haver, que é o que tem sido até hoje, mas uma sociedade na base do ser. Atuando desta maneira, deverá ser um dos fatores decisivos para a formação de uma na-

O papel da Universidade é formar pessoas que pensem e se organizem para solucionar problemas da sociedade. Daí ser preciso resgatar o respeito, o valor que a própria comunidade acadêmica atribui à ciência.

cionalidade brasileira." **NECESSIDADE INTROSPECTIVA** Para atender esta "sede de participação", como diz o professor Roberto Cardoso Oliveira, é preciso, no entanto, voltar-se um pouco para dentro da própria universidade. E preciso resgatar o respeito, o valor que a própria comunidade acadêmica atribui à ciência, defende o professor Erney Camargo. "O fundamental, o mérito numa pesquisa, não está na relevância dos seus resultados práticos ou teóricos, mas na própria atitude de inquirição". Decerto que há dificuldades e é

preciso vencer o pessimismo, alerta o reitor: "Há problema psicológico da visão de nós professores, de nossa ainda arrogância, da nossa certeza. Há o problema dos alunos viciados em quererem apenas tirar boas notas a partir do ato de decorar o mais rápido possível aquilo que os professores lhes dão o mais rápido possível. Há ainda o risco do corporativismo nos Departamentos e nas diversas categorias científicas onde cada um de nós, profissionais, acha que a nossa profissão é a maior do mundo, a única do mundo. Por isso, é preciso que tenhamos também muita paciência para não querer resultados em poucos meses e talvez nem mesmo em poucos anos."

ADVERTÊNCIA

Mesmo que bem compreendidos os problemas da universidade, quando se fala no seu futuro, há necessidade de se ter em mente a universalidade do conceito de universidade e também a questão da tradição, para que possamos admitir qual o tipo de mudança que podemos ter.

"Nós temos tradição", defende o professor Roberto Cardoso de Oliveira. "Nós temos tradição, pequena, mas temos e é algo que devemos resgatar. Agora, na nossa particularidade brasileira nós estamos enfrentando um momento de sede de participação. Não é só uma sede do ponto de vista psicológico de participação, mas é o direito à participação. Então, é como compatibilizar a tradição da universidade, no que se constitui o mérito acadêmico, com outro tipo de mérito, o mérito Político".

UnB oferecerá estudo para funcionários

GLORIA CARVALHO

MARGARETE VITORIA

O Decanato de Assuntos Comunitários está estudando a viabilização de um Projeto de Educação Supletiva para os Funcionários da UnB (PROESF) que envolverá os três segmentos da comunidade: funcionários, professores e alunos.

Foi feito um levantamento pelo Serviço de Pessoal da UnB sobre o nível de escolaridade dos funcionários em exercício e o resultado da pesquisa indicou que 618 funcionários não completaram o 1º grau; 158 completaram apenas o 1º grau; 222 não completaram o 2º grau; e 80 não foram alfabetizados. Essa informação demonstra que existe uma desigualdade que só será eliminada através de educação supletiva.

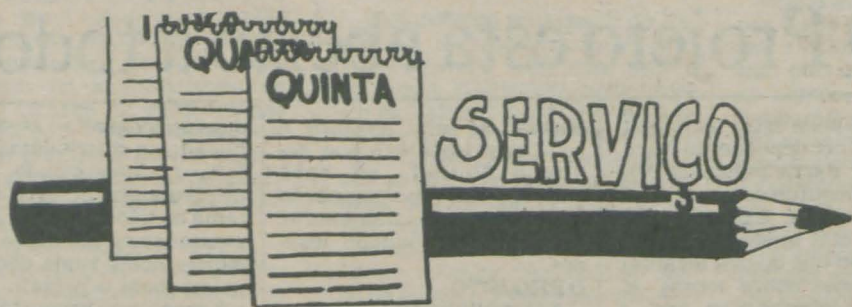
Segundo o Decano de Assuntos Comunitários, Professor Antonio Ibanez, o PROESF poderá oferecer oportunidades de educação supletiva para os funcionários no mesmo local e horário de trabalho, sem que a UnB desconte de seu salário qualquer quantia. Além dessa vantagem, o curso se utilizará de métodos modernos, como videocassetes e outros que forem considerados importantes para o curso.

O estudo se dividirá em quatro fases, sendo a primeira e a segunda, Língua Portuguesa e Matemática, com duração de dois semestres. A Fase III estudará Língua Portuguesa, História, Geografia, OSPB/EMC, Ciências, Educação Artística e Programas de Saúde, perfazendo um total de 420 horas ou três semestres; a Fase IV estudará Língua Portuguesa/Literatura Brasileira, Matemática, Língua Inglesa, Física, Química, Biologia, História, Geografia, OSPB/EMC, Educação Artística e Programas de Saúde, durante três semestres.

O programa envolverá a atuação de 20 professores e um número ainda não determinado de estudantes universitários, distribuídos por cerca de 15 departamentos. Os professores comprometidos com o PROESF estarão dispensados dos demais encargos administrativos para que se dediquem exclusivamente a esse trabalho. Quanto aos alunos de graduação receberão a orientação necessária para a monitoração dos grupos de funcionários-alunos.

A presença de cada estudante universitário do programa de educação não poderá ser instável e deverá durar pelo menos um semestre, com retribuição na forma de bolsa de trabalho, certificação da atividade e atribuição de créditos proporcionais à duração do curso.

No último dia 18, a Comissão de Funcionários da UnB esteve com o Reitor Cristóvam Buarque que afirmou ser necessária a implantação imediata do PROESF, já para o começo do próximo ano. Segundo Rosalvo Perelra Filho, membro da Comissão, essa é a primeira vez que os funcionários vão desfrutar do ensino da Universidade. Além do PROESF, os funcionários terão acesso ao vestibular, o que antes não era permitido. Segundo ele, é contraditório uma Universidade que se propõe a ser geradora de idéias ter, ao mesmo tempo, pessoas com baixo nível de instrução.



Não fique por fora.
Saiba de tudo
que irá acontecer na
UnB. Palestras, cursos,
exposições, encontros...

Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais

Simpósio: "Rumo à Constituinte - As eleições municipais de 1985: suas consequências e perspectivas para 1986 e 1988."

Data: 3 a 5 de dezembro
Local: Auditório Il Candangos
Programação: Terça-feira - 03/12
08:30 - Abertura do Simpósio com a participação do Reitor Cristóvam Buarque e o Decano de Extensão, Volnei Garrafa.
09:00 - Tema: O Nordeste.
Expositores: José Antônio Lavareda (UFPE), Renê Barreira e Hélio Leite (UFCE), Maria Antônia Andrade (UFPB).
14:30 - Tema: A Região Sul
Expositores: Marcelo Baquero (UFRGS), Eduardo Viola (UFSC), David Fleischer e Munir Abagge (UnB).

Quarta-feira - 04/12

08:30 - Tema: O Eixo Rio-São Paulo
Expositores: Marcus Figueiredo (IDESP), Maria Teresa de Sousa (IDESP) Reginaldo Pradi (USP/DATAFOLHA), Renato Boshi (IUPERJ), Eurico Lima Figueiredo (UFF).
14:30 - Tema: A Região Centro-Oeste

Expositores: Minas Gerais - Ricardo Guedes F. Filho, UFMG & BDMG; José Francisco Meira, UFMG/Goiás - Servito Menezes Filho, UFGO.

Quinta-feira - 05/12

08:30 - 12:00 Tema: As perspectivas para o quadro partidário nas eleições de 1986/88 - Presidente da mesa: Deputado Fernando Lyra - Ministro da Justiça.
Organização: Decanato de Extensão/Departamento de Ciência Política & Relações Internacionais.
Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais - REL

- Mesa-Redonda-Tema: "A Situação Política e Econômica da Argentina à Luz das Recentes Eleições"
Local: Sala de Reuniões do REL

Data e Hora: 02 de dezembro de 1985, às 16h.
Expositores: Prof. Eduardo Viola (UFSC) e Prof. Walder de Góes (UnB).

COPEVE

- 1º Seminário sobre Vestibular na UnB

- Período: 04 a 06 de dezembro de 1985
- Local: Auditório da Faculdade de Tecnologia

DEX/FIBRA/CODEPLAN

- Simpósio Industrialização no DF: Sim ou Não?
Dia: 02 de dezembro de 1985
Local: Auditório Dois Candangos

DECANATO DE EXTENSÃO

- Exposição de Livros Russos
- Período: 03a 10 de dezembro de 1985
- Local: Biblioteca Central

Departamento de Educação Física

- III Festival de Natacão das Práticas Esportivas
Dia 08 de dezembro de 1985
Local: C.O.
Horário: 9:00h / Inscrições na 1ª Semana de Dezembro, com seus respectivos professores de Práticas Desportivas
- Atividade Um Domingo no C.O.
- Todos os domingos no Centro Olímpico

Departamento de Medicina Geral e Comunitária

Curso de "Epidemiologia clínica" - Período: 10 a 20 de dezembro
Inscrições até 10 de dezembro no próprio Departamento - Cr\$ 50.000 - 40 vagas.
Horário: segunda, quarta e sexta-feira das 20 às 23 horas.

Departamento de Engenharia Agrônoma

- "Métodos de Agricultura Alternativa"
- Período de Realização: 03 a 07 de dezembro de 1985.
- Taxa de inscrição: Cr\$ 10.000 para estudantes, Cr\$ 20.000 para o público em geral.
- Horário do Curso: Sempre das 20 às 22h, e no Sábado, das 08 às 12h.
- As inscrições estarão abertas até o dia 03 de dezembro

Departamento de Medicina Especializada - FS

- Mestrado: Clínica Médica - Faculdade de Ciência de Saúde
- Provas de Seleção no período de 09 a 13 de dezembro
- Informações: Prof. Luiz F. Junqueira Jr., Coordenador do Curso, no Departamento de Medicina Especializada, ramais 2266 e 2274

DIÁLOGO

A UnB terá sua
Estatuante

OCTAVIO VERISSIMO

Durante esta última semana falou-se muito em Constituinte na UnB. Quando vamos discutir nossa Estatuinte?

João Carlos Teatini (Presidente da ADUnB) — O Conselho de Representantes dos Departamentos e a Diretoria da ADUnB realizaram no dia 13 de novembro uma reunião com o Reitor, onde foi apresentada a proposta, aprovada por unanimidade no Conselho Universitário na UnB, o primeiro com a participação dos três segmentos. Por que realizar um Congresso e não, de imediato uma Estatuinte?

O Conselho entendeu que, partir já para uma Estatuinte seria temerário, baseado em algumas questões, como por exemplo: que parcela da comunidade conhece o atual estatuto da UnB? Será conveniente discutir o Estatuto sem discutir a fundo os rumos e prioridades da UnB? Haverá mobilização suficiente para realizar a Estatuinte? Não será mais conveniente um evento que, de início, mobilize toda a comunidade para pensar e discutir a Universidade, e aí sim, gere como subproduto um Estatuto adaptado às resoluções aprovadas?

Foi com base principalmente nesta última pergunta que o Conselho aprovou a realização de um Congresso, que através de grupos de trabalho, painéis, apresentação de temas livres e plenárias, mobilizasse a comunidade universitária para discutir as questões de mais alta relevância para o destino e funcionamento da Universidade. As resoluções abordariam, por exemplo, os fins e objetivos da UnB, a Estrutura e a Gestão nos níveis administrativos e acadêmicos, Ensino, Pesquisa e Extensão, Política de Capacitação de Pessoal, Biblioteca, Espaço Físico, Benefícios etc.

A proposta apresentada pela ADUnB à Reitoria prevê, de imediato, a constituição de uma Comissão, com representação dos três segmentos, para preparar um Congresso, delineando objetivos, formas de mobilização e cronograma, lançando estas questões iniciais à discussão da comunidade. Para a realização seria prevista, como sugestão, uma semana em meados do 1º semestre de 86.

Cristovam Buarque (Reitor) — A atual administração obviamente abandonou o uso de todos os instrumentos autoritários que o Estatuto e o Regimento da Universidade lhe permitiria utilizar. Mas, a verdadeira democracia só será institucionalizada quando o novo Estatuto e Regimento estiverem definitivamente elaborados, aprovados e implantados. O caminho inicial e mais simples teria sido a convocação de um grupo de representantes eleitos pela comunidade que elaborassem diretamente os novos estatutos. Outro caminho seria organizar um longo processo de debates internos coordenado pela comunidade, com o objetivo de elaborar o estatuto, a partir de uma consciência mais clara dos problemas. Para isto, foram realizadas reuniões com o Conselho de CAs, com o Conselho de Representantes da ADUnB e com o Conselho de Associação de Funcionários. O resultado dos encontros foi o da escolha pelo processo longo, mas cuidadoso e participativo em torno dos debates por um novo estatuto, que seriam discutidos em salas de aulas e debatidos em reuniões.

Além de todas as dificuldades por que passa um estudante da UnB, existe um problema comum a vários departamentos: a luta pelo reconhecimento do curso. A Tradução é um desses cursos, e agora, os alunos resolveram se mobilizar.

Reconhecimento do curso: a hora e a vez da Tradução

CLAUDIO FERREIRA

“**C**urriculo gordo não dá aula, quem dá aula é professor competente. “Com essas e outras frases, os alunos de Tradução, do Departamento de Letras e Linguística iniciaram uma intensiva campanha a favor do curso. Depois de uma assembléia eles decidiram recorrer ao Decanato de Ensino e Graduação, e agora, estão esperando uma solução para o seu problema.

Os alunos de Tradução estão divididos em três áreas: Inglês, Francês e Alemão. Só que o curso, criado em 1980, não tem nenhum professor específico de tradução, e todos os professores são emprestados da área de Letras. Segundo os alunos, os professores vivem brigando para dar esta ou aquela matéria, “mostrando os mestrados ou doutorados que têm”. Quem se prejudica com isso são os estudantes, que têm suas listas de oferta reduzidas e passam cinco anos num curso que deveria durar quatro.

Outro problema grave é o reconhecimento do curso. O processo para este reconhecimento ainda está se arrastando. Essa demora se deve, em parte, a brigas internas do Departamento de Letras, de professores que dificultam, nas reuniões de Colegiado, decisões em relação à reestruturação das matérias do curso. A partir desse reconhecimento, que não é difícil de ser conseguido, os alunos propõem o desmembramento do curso de Tradução, formando um departamento à parte.

O primeiro encontro com a professora Paulina Targino, decano de Ensino de Graduação, foi bastante positivo. Os alunos elaboraram um documento, contendo todas as suas reivindicações, e a decano de Ensino e Graduação se mostrou muito interessada. Uma nova reunião foi marcada entre os alunos e a Câmara de Ensino e Graduação. Posteriormente, esta Câmara se reunirá com os professores do Departamento de Letras, e depois haverá uma reunião conjunta, com a participação de alunos, professores e a administração.

E qual é a posição do LEL em relação ao problema com o curso de Tradução? Para a professora Stella Maris, atual chefe de Departamento, o problema tem bases estruturais e curriculares. Segundo ela, na época da criação das habilitações, não foi dada nenhuma estrutura ao curso, como a contratação de professores específicos e a ativação imediata do processo de reconhecimento do curso. A Tradução ficou mais como um “apêndice” do Departamento de Letras e, nunca teve a atenção merecida.

A atual Chefia de Departamento também é favorável à criação de um departamento específico de Tradução. “Nós temos 8% de todos os alunos da Universidade, mas só 5% dos professores”. Além disso, o LEL tem 11 habilitações, sendo oito no curso de Letras e três na Tradução. A estrutura administrativa do departamento não consegue viabilizar tudo o que é preciso, e essa é uma das razões principais do atraso do processo de reconhecimento do curso de Tradução. O processo deverá sair do LEL dentro de quinze dias, para cumprir toda uma

“jornada burocrática” antes de sair da UnB. Stella Maris diz que só a partir do reconhecimento do curso é que poderão ser tomadas medidas mais efetivas para melhorar a situação dos tradutores.

Parece que os alunos estão cada vez mais mobilizados para enfrentar os problemas do curso. Lucimary Valle, aluna do sexto semestre de Tradução-Inglês, diz que “não é justo que o trabalho de profissionais não seja reconhecido”. Outra aluna, mais contundente, diz que “já era tempo dos alunos se manifestarem, já que o Departamento se mostrou desinteressado. Não tem cabimento um curso profissional não ser reconhecido como tal por desentendimentos pessoais no Departamento. Recentemente, a profissão de Secretária foi reconhecida. Sem o reconhecimento do curso, como poderemos partir para o reconhecimento da profissão? “Os cartazes espalhados pelo departamento completam os pedidos de colaboração: “Professores, amai-vos um aos outros para não prejudicar os alunos”.

Comunidade será ouvida pelo DAC

MARINA M. GODOI

Alunos, funcionários e professores vão se unir à Câmara de Assuntos Comunitários para propor as diretrizes a serem adotadas pelo DAC-Decanato de Assuntos Comunitários. Esta afirmação é do próprio Decano, professor Antônio Ruy Ibanez, que está formando uma Comissão Especial para resolver, daqui para frente, todos os problemas que envolvem a Comunidade Universitária: lazer, segurança, cultura, bandeirão, alojamento estudantil, etc. Para Ibanez, nada melhor que juntar os três segmentos da comunidade para que procurem as soluções dos problemas que interessam a eles mesmos.

Com a criação da Comissão, o Decano pretende abrir mais o decanato, com a participação efetiva dos três segmentos, na esperança de que todos os representantes juntos possam melhor

defender seus próprios interesses. O critério usado pelo professor Ibanez na escolha dos membros da Comissão, foi, inicialmente, aceitar pessoas interessadas em participar das discussões destes problemas.

Para formar a Comissão, o professor Ibanez pediu aos Departamentos, CAs e Centros de Custos nomes com representatividade junto ao seu segmento. Como recebeu poucos nomes, convidou alguns professores, e está escolhendo pessoalmente os funcionários. No caso dos alunos, Ibanez ficou muito surpreso pois só recebeu nomes de três alunos empenhados em trabalhar nesta Comissão. Segundo Ibanez, o desinteresse dos alunos é grande e sem sua participação fica difícil compor a Comissão com representatividade.

O professor Onildo João Marine, do Departamento de Geociências, membro da Comissão, acha a idéia excelente. Ele, juntamente

com outros professores, está elaborando um projeto para a criação de uma Churrascaria no Campus Universitário, onde a Comunidade poderá fazer suas festas. O professor Marine, no entanto, acha que a falta de recursos financeiros é uma grande dificuldade para que o decanato concretize suas propostas.

Se para o professor Marine, a falta de recursos financeiros é uma dificuldade, para a professora Adalgisa Maria Vieira do Rosário, do Departamento de Geografia e História, dinheiro não é o problema “a gente faz as coisas com boa vontade, o dinheiro a gente arruma”. A professora Adalgisa considera esta Comissão relevante para a comunidade. Segundo ela, o Decanato de Assuntos Comunitários é o mais importante de todos eles, pois trata do bem estar de todas as pessoas dentro do Campus Universitário.

Outro membro é o professor Joaquim Andrade, do Departamento de Economia. Para ele, é ótimo a própria comunidade formular políticas para os seus problemas e fazer com que estas políticas sejam de fato concretizadas.

Um dos poucos alunos interessados em participar da Comissão é o presidente do CA de Engenharia Civil, Dionízio, 21 anos, desde 82 na UnB. Segundo Dionízio, é fundamental a Reitoria deixar os alunos participarem das Comissões que estão se formando no momento. É hora dos alunos pararem de criticar e agir, pois chegou este tão sonhado momento, afirma Dionízio.

Já o funcionário Rosalvo Bezerra, membro da Comissão sobre desvio de funções na UnB, há seis anos na UnB, os funcionários devem fazer parte da Comissão do DAC, pois eles estiveram muito tempo afastados das decisões e é hora de participarem.

É OU NÃO É

Produção das fotos: Nicolau El-Moor e Ana Paula Padrão



"A dependência que a maconha causa é igual a de se comer uma cocada depois do almoço ou beber uma dose de cachaça antes de dormir".

(M.C.M.Q; 21 anos, estudante)

"A maconha não leva à procura de outras drogas, pelo fato de por si só, já fazer a cabeça plenamente".

(R.A.L; 28 anos, jornalista)

"Como outras drogas, a maconha é altamente desmotivadora e alienadora".

José Elias Murad, farmacologista

"A família está aprendendo a conviver com maconha, em relação a dez anos, sem contar que muitos pais na faixa de 30 anos fazem uso da maconha".

(Chico Júnior, jornalista)

"Não se pode falar decentemente de drogas em nossa sociedade sem citar aquelas que se usa e abusa, com o beneplácito da lei e da família, que são o álcool e o tabaco (para não falar nos tranquilizantes)".

(Claude Olivenstein)

Alcool, pode. Barbitúricos, anfetaminas e psicotrópicos são vendidos livremente em farmácias. Mas, maconha não pode. O uso e tráfico da cannabis sativa são punidos com multa e prisão, a polícia utiliza até satélites para descobrir as plantações de maconha. O argumento é de que a maconha causa dependência psíquica, faz mal à saúde leva quem a usa à procura de drogas mais pesadas, a roubar e a cometer crimes para conseguir dinheiro para a compra da droga.

Mas existe hoje um movimento, ou pelo menos uma tendência mais forte, de retirar a maconha do Código Penal - ou, como dizem os juristas, descriminalizar o uso da maconha. O debate envolve os especialistas - psicólogos, médicos, farmacologistas, policiais, juristas, autoridades - e chega às ruas. Afinal, o problema existe e já pode ser tratado sem tabus e preconceitos. A maconha deve ou não ser descriminalizada?

MARLUCE BRAUNA, ADELIA BARROSO, JOÃO PAGANINE, REINALDO FREITAS, JUNIA MELO

Conversando com psicólogos sobre a dependência, causas e efeitos do uso da maconha e condições que levam uma pessoa a procurar a droga, a conclusão foi surpreendente. A maioria dos entrevistados tem uma visão aberta e quer desmistificar a maconha. "Quando estamos inseguros e temerosos, qualquer coisa serve de bengala. O café, o cigarro, a gula, a maconha etc.", afirma o terapeuta M. Teixeira, "mas quando estamos em paz conosco e com o mundo, tudo é completamente para vivenciarmos o cotidiano". "O café, continua ele, "é saboreado com prazer e podemos, no entanto passar dias sem tomá-lo; o cigarro acompanha uma boa cerveja, mas se não tiver, tudo bem; a maconha pode ser ótima na hora da transa, porém, o organismo vem com ou sem ela".



Começar como curioso não apresenta quase nada, pois a maioria dos usuários começou a fumar porque quis, por uma decisão consciente e própria. Outro mito que os psicólogos esclarecem é que a maconha leva ao consumo de drogas mais pesadas - só procura cocaína, LSD, heroína, quem quer, pois a maconha não traz a necessidade no aumento da dosagem. "Uma coisa tem que ficar clara: o uso indiscriminado de qualquer coisa (maconha, cigarro, chicletes) é prejudicial sob o ponto de vista psicológico. Temos que parar de encarar as drogas como perigosas em si mesmas. Isso é querer colocar o ser humano como um débil". Segundo M. Teixeira, cada pessoa deve saber a quantas andam seu organismo e sua cabeça, assim como saber que chiclete faz mal para os dentes. "Maconha tem suas vantagens biológicas, todos sabemos disso, mas usá-la de vez em quando e sem a carga negativa de querer fugir do mundo e sim participar sensivelmente dele, não é tão

prejudicial como o cigarro de papel, afirma a psicóloga Geisa Soares.

Para você, usuário, um conselho dos psicólogos: "Nunca consuma bebidas alcoólicas com cólicas, nunca fume maconha de bode".



"Os efeitos da cronicidade do uso da maconha no organismo humano são um tema extremamente controverso", diz Fernando Ubatuba, professor de Farmacologia da UnB. Para realizar um trabalho científico que esclareça se a maconha faz mal à saúde e como ela age no organismo, é preciso levar em conta que a cannabis quase sempre é usada por pessoas que fumam tabaco, ingerem álcool ou outras drogas, tornando difícil identificar quais são os efeitos da maconha e quais são os provocados pelas outras substâncias ou pela associação da erva com outras drogas.

Além disso, a ação da maconha no organismo é influenciada pela quantidade ingerida, pela personalidade e condições físicas do usuário. Existem poucos estudos sérios sobre o tema no Brasil. Ubatuba esclarece que existem muitos enganadores, fazendo trabalhos sensacionalistas, apenas para aparecer, pois o assunto desperta grande interesse.

O agente ativo da cannabis no sistema nervoso é um álcool, o delta-9-tetrahidrocannabinol ou simplesmente THC. Para que se obtenha os efeitos normalmente associados com o consumo da maconha, é necessária uma concentração mínima de 1% de THC. A concentração desse álcool na planta aumenta na proporção da temperatura climática de seu local de origem. Assim, a maconha da Europa é "da palha". Os países de clima quente são os produtores "da boa". A campeã, é a Índia, com



uma concentração de até 12% de THC.

A Organização Mundial da Saúde, em seu *Manual on Drug Dependence*, define o efeito da maconha, por ordem de aparecimento: em primeiro lugar, uma sensação de euforia; logo após, mudanças sensoriais (tato, visão, audição) e perceptivas (tempo e espaço); a partir daí vem a diminuição do senso de identidade e realidade; por fim, alucinações visuais e, menos frequentemente, auditivas. Esses "baratos" não ocorrem, necessariamente, toda vez que se fuma maconha. Eles dependem da quantidade e da qualidade do fumo e da regularidade do uso. O uso constante e intensivo provoca um alto grau de tolerância à cannabis.

A dependência física, diz a OMS, caso exista, é muito pequena. Não há evidência de que a suspensão da maconha, mesmo em usuários "pesados", produza síndromes de abstinência que se aproximem em gravidade às produzidas pela suspensão do álcool, barbitúricos ou "junkies" (morfina, heroína).

É possível que ocorram intoxicações agudas através da cannabis, entretanto, isso não ocorre, normalmente, mesmo após altas doses. Os raros casos de intoxicação registrados, deram-se com fumantes "naif" (principiantes, ingênuos) ou marcavam casos psicóticos agudos. As características imediatas do uso da cannabis no

organismo são olhos injetados, pulso acelerado e relaxamento muscular, que levam a um estado de anestesia e sono. A longo prazo, a maconha pode provocar uma "síndrome de desmotivamento": apatia, falta de determinação, conformismo. Entretanto, continua a OMS, é possível que esses efeitos sejam devidos, largamente ou em parte, ao panorama social ao qual está relacionada. Numa sociedade em que o uso da maconha é socialmente desaprovado e ilegal, o usuário é, ipso facto, um desajustado.

Como medicamento, a maconha é usada como sedativo, em casos de câncer irreversível e ainda para minimizar a "fissura" provocada pela abstinência de drogas pesadas.



"As restrições ao consumo da maconha, são totais", afirma o professor de Direito da UnB, Elmano Cavalcanti de Farias. "A vedação é irrestrita", continua, "pelo fato de que esse ato é considerado crime previsto em lei".

Na verdade, a lei não pune o uso de drogas. Uma pessoa dopada não tem como ser autuada, pois é impossível fazer o laudo de constatação por falta de respaldo legal.

O grande barato?

Uma grande controvérsia se estabelece, já que a quantidade não define penalidade. A única alusão nesse sentido se dá pela medição da dosagem. Se a quantidade for pequena, o juiz fixa pena mínima e se for grande o contrário.

O consumidor, do ponto de vista jurídico, é aquele que se limita à ingestão de tóxicos para uso próprio e tem geralmente consigo, uma pequena quantidade de droga. O traficante, por sua vez, é o que a comercializa. De acordo com o Código Penal, o usuário da droga terá pena de detenção de seis meses a dois anos e pagamento de vinte a cinquenta dias — multa. Já a sanção para o traficante, prevista na mesma lei, será de três a 15 anos de reclusão e pagamento de 50 a 360 dias-multa. Vale salientar que a pena de reclusão é muito mais grave e rígida do que a de detenção.

Segundo o professor Elmano de Farias, "a definição da pena para o usuário é dada de acordo com um critério estabelecido pelo juiz na avaliação da gravidade do delito", acrescentando que "cada caso deve ser analisado separadamente". Recentemente, em São Paulo, um usuário foi absolvido pelo juiz por estar portando menos de um grama de maconha, alegando que essa quantidade não é considerada suficiente para provocar mudanças de comportamento.

O Congresso Nacional, caixa de ressonância da sociedade, tem vários projetos que dizem respeito ao uso e comercialização de drogas. Mas não se espantem: os projetos são todos no sentido de aumentar a penalização, confiscar terras onde há plantação e, tratar as drogas como questão de segurança nacional. Enfim, os parlamentares que se preocupam com a questão pecam por considerar todas as drogas iguais (maconha, heroína, cocaína etc) e por não avaliarem socialmente o problema, querendo do Estado uma atitude mais enérgica no combate ao consumo. Mas como o caminho para a aprovação de projetos é muito moroso, provavelmente todos estarão no arquivo o ano que vem. A única coisa que circula livremente no Congresso e com aprovação oficial é o uísque, muito uísque!



A possibilidade de haver a descriminalização da maconha é vista com muito pessimismo e um certo receio na Divisão de Repressão a Entorpecentes do Departamento de Polícia Federal. Não cabe à Polícia Federal prender um simples fumante de baseado, já que a partir de 76, quando a lei 6.338 entrou em vigor, o DPF fez convênio com todas as Secretarias de Segurança Pública, que ficaram incumbidas desses casos e do tráfico do estado. O DPF age quando o tráfico envolve mais de um estado, mas é dele que parte a orientação da repressão, baseado na crença de que a maconha causa lesões ao indivíduo e consequentemente, prejuízos à sociedade, por levar ao consumo de outras drogas e à criminalidade (assaltos, contrabando, tráfico etc).

Nicolau El-Moor



Nível de THC na erva:

Suécia, 0,02%; Itália, 0,06%; França, 0,08%; México 1,4%; Brasil; 4%; Índia, 12%

As estatísticas do DPF mostram maior incidência de traficantes, maiores de 21 anos, do sexo masculino, do que de viciados. Em função disto, o DPF se organizou em duas frentes de ação com os programas de erradicação das fontes de produção e de combate ao crime organizado. Segundo o chefe do Serviço de Planejamento da DRE e encarregado do programa de erradicação da maconha e do epadú (cocaína), Ney Cunha e Silva, o DPF atua principalmente na região Nordeste (Bahia, Pernambuco, Piauí e Maranhão), onde estão a maior área de produção e a maconha pronta para consumo que é levada para Belém onde é trocada por produtos eletrônicos e por uísque. Em Juazeiro da Bahia por exemplo, neste ano foram apreendidas 197 toneladas de maconha. O trabalho da DPF se dá nas suas unidades operacionais, entre superintendências, delegacias e divisões, em todo país e que funcionam com um número reduzido de pessoas, como explica Ney. O uso de tecnologia de satélite para detecção de plantações é um recurso que o DPF passou a dispor no final de 1983, quando do convênio feito com o Instituto Nacional de Pesquisa Especial-INPE. A precisão do satélite permitiu erradicar 18 plantações de uma vez só, encontradas numa única área de 10 mil metros quadrados, mesmo estando misturadas a outras plantações, com algodão.

Por sua vez, o programa de crime organizado atua desbaratando as organizações empresariais e quadrilhas, como firmas de táxi aéreo, através da investigação financeira que se baseia no fato do traficante ter necessidade de "lavar o dinheiro", considerado sujo, em aplicações tipo imóveis. No entanto, a polícia, às vezes, vê-se em situações bizarras, como é a do Velho Arlindo, um mito na região de Trindade e Araripina, em Pernambuco, que incentiva o plantio de maconha entre os habitantes que o veneram pela boas ações que pra-

Braziliense. Outro sinal evidente foi a mudança ocorrida no Conselho Federal de Entorpecentes. Empossado presidente do órgão pelo ministro da Justiça, Fernando Lyra, o jurista Tércio Lins e Silva é uma das pessoas que participaram do debate de 1983. Com idéias mais liberais e favorável a um outro tratamento para os usuários que não a prisão, o novo presidente do Conselho acha que nenhum juiz pode dormir em paz mandando um jovem adolescente para a cadeia, pelo simples fato de ser encontrado com um cigarro de maconha.

As posições defendidas por Tércio Lins e Silva encontram ressonância em boa parte dos jovens, que já não vêm na maconha uma droga pior que o álcool ou outras consumidas livremente entre as famílias, como é o caso dos tranquilizantes, barbitúricos etc. A maioria das pessoas mais esclarecidas acha que a maconha já deixou ser um estigma entre os jovens para se tornar assunto de discussões e debates cada vez mais abertos e participativos, e que a maconha deve sair da esfera policial, para passar à área de saúde ou de educação.

Além das idéias defendidas pelo jovens, há pessoas dentro da própria Igreja que acham que o problema não deve ser tratado só pela polícia, mas deve ser debatido, ensinado e evitado. E que o castigo deve ser aplicado somente em último caso. "A respeito do problema, a gente não se coloca nem a favor e nem contra. O problema não é castigar, e sim educar, para evitar problemas mais sérios. Porque a questão dos tóxicos é sua consequência. Dai creio que é útil e necessária a conversa, a palavra, a pesquisa, a procura e a discussão sobre sua descriminalização", diz Frei Domingos. Mas por outro lado diz também que a Igreja deve ter princípios seguros e firmes para defender os pobres e explorados, e que para ele um jovem viciado é a

pessoa mais explorada que existe.

Na Universidade de Brasília, os estudantes acham que se faz urgente e necessário o debate sobre esse tema. "Acho necessário porque as penalidades extrapolam o respeito ao cidadão. A repressão à maconha é desproporcional aos seus efeitos", diz um estudante. Outro acha que ninguém deve legislar sobre os desejos e prazeres de cada cidadão. Ninguém está apto para determinar o que deve ou não cada pessoa fazer por sua própria conta, desde que isso não prejudique a liberdade e o direito dos outros. Alguns vão mais longe ainda dizendo que o direito estabelecido deve ser revisto por extemporaneidade.

Sobre o tratamento dado ao assunto nos meios de comunicação, todos são unânimes em afirmar que a imprensa em geral trata do assunto com excessivo sensacionalismo e sem conhecimentos suficientes para opinar sobre o tema, com raríssimas exceções. Os jornais e revistas que deviam esclarecer com mais profundidade o assunto apresentam-no como se fosse crime. Sem conhecer o que há por trás e quem está envolvido. Geralmente esses jornais fazem questão de divulgar a maconha de uma maneira tendenciosa, porque é um assunto que vende e que desperta a curiosidade.

Em relação à maconha, diz C.M.Q., estudante da UnB que a sociedade já está preparada para sua descriminalização. Ela já está experimentando a sua ocorrência em todos os aspectos. Muitas famílias já têm noção do problema. O espaço está sendo ocupado, só falta oficializar uma situação que todos praticam.

Dessa forma, cabe indagar se não seria hipocrisia por parte da sociedade tolerar e, até, incentivar o uso do álcool e do tabaco, e em contrapartida exagerar os perigos da maconha. A resposta fica no ar, nebulosa com a fumaça de um baseado.

Existem certos sinais de que o governo brasileiro pretende liberar ou legalizar a maconha. Em novembro de 1983, foi promovido um seminário para discutir a maconha. Do encontro saiu o livro "Maconha em debate", da Editora



Arquivo/CA



Museu de História Natural, como anda o Projeto?

“**V**ocê consegue imaginar uma universidade sem biblioteca? E que tal uma universidade sem museu?” Quem nos faz essas perguntas é o professor Roberto Cavalcanti, chefe do Departamento de Biologia Animal da UnB.

JOYCE RUSSI

No caso da primeira pergunta, a UnB não tem com que se preocupar, pois sua Biblioteca Central é uma das maiores e mais bem equipadas do país. Mas e quanto ao museu? Bom aí as coisas mudam...

Consta do plano original da Fundação Universidade de Brasília a construção de um Museu de História Natural. Só que, ninguém sabe bem a razão, com o passar do tempo esse projeto foi sendo esquecido, adiado, e o fato é que hoje a Universidade de Brasília carece, entre tantas outras coisas, deste museu.

Segundo o professor Roberto, a nova administração da UnB tem se mostrado bastante interessada em retomar o projeto. Mas, como ele mesmo explica, “interesse

só não basta. Para que o Museu de História Natural da UnB venha a se tornar realidade é necessário antes de tudo dinheiro, um local para sua instalação, e gente qualificada para preparar as coleções que farão parte do acervo”.

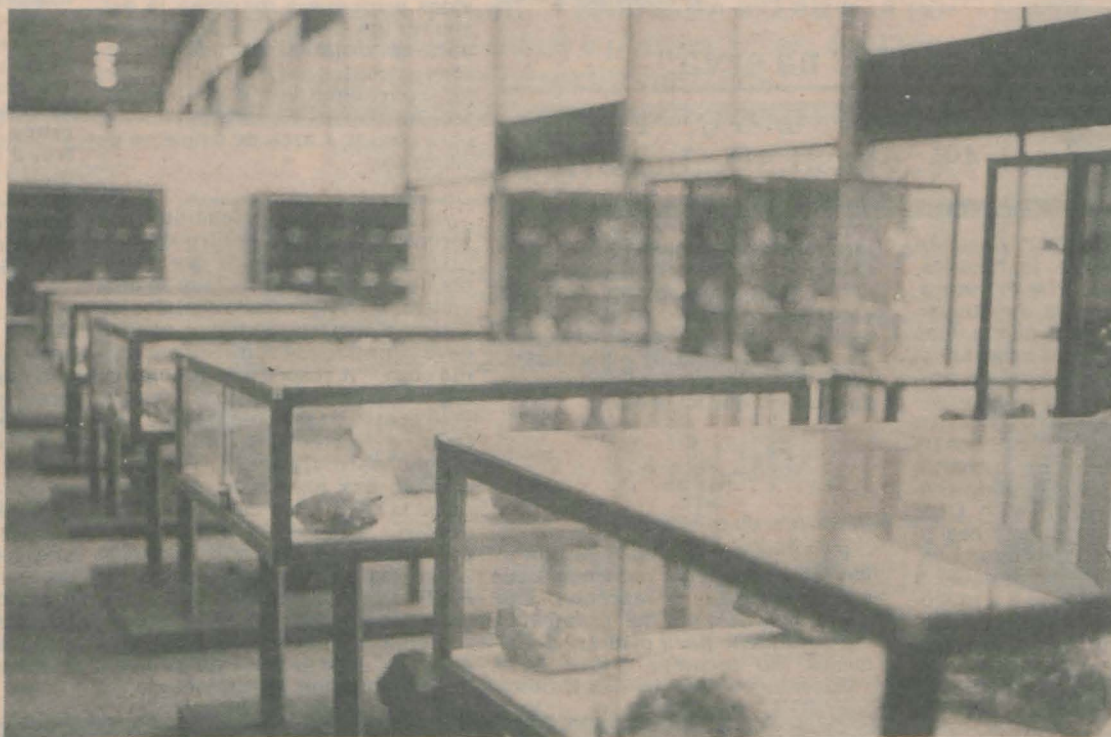
Na esperança de conseguir parte da verba necessária ao museu, o Departamento de Biologia Animal enviou à Finepe, Financiadora de Estudos e Pesquisas, uma carta pedindo financiamento para ampliar a sua coleção de peles. Esta coleção, assim como o herbário do Departamento de Biologia Vegetal, e a coleção de pedras da geologia, são os embriões do futuro Museu.

Para a professora Iara Lúcia Gomes Brasileiro, diretora do Instituto de Ciências Biológicas, é necessário incrementar essas coleções para que quando o museu seja construído so se tenha o trabalho de “recheá-lo”, pois as coleções já estarão prontas. Segundo ela, “a importância de um Museu de História Natural em Brasília consiste no fato de que não existe no Brasil um museu dedicado ao estudo do cerrado. Os outros museus brasileiros estão muito longe do cerrado e não têm nada a ver com a nossa região. Com a criação deste museu

seria possível aos pesquisadores de Brasília coletar novas espécies, ou pelo menos espécies que não tenham sido catalogadas na região, e isso serve tanto para a parte animal quanto para a vegetal”.

Mas, este museu não interessaria apenas à Biologia. Outros departamentos, como por exemplo a Geologia, possuem interesses em que sua construção seja efetuada. Este Departamento, possui uma coleção de pedras com mais de duas mil peças, das quais estão expostas em condições precárias aproximadamente mil e duzentas. Segundo o professor de mineralogia do Departamento, Geraldo Ferreira de Andrade, o Museu de História Natural teria, além de sua importância acadêmica e didática, também uma importância no sentido de divulgar a ciência que é feita na universidade, a partir do momento em que este seria visitado pelo público”. Atualmente a coleção de pedras da geologia é muito visitada, embora esteja exposta em condições longe do ideal, principalmente por alunos de primeiro e segundo graus. Na opinião do professor Geraldo, o Museu da UnB poderia inclusive fazer parte do catálogo turístico da cidade.

O Departamento de Geologia da UnB, assim bem como os demais departamentos envolvidos no projeto do Museu de História Natural, mantém suas instalações precárias.



MCT, pouca verba e muitos planos

ROSANI APARECIDA
FRUTUOSO
CLAUTENIS DELENE

A Nova República criou um Ministério para dar um novo impulso à Ciência no Brasil — o MCT, Ministério da Ciência e Tecnologia. Mas logo no início, esse ministério teve que se preocupar mais com o orçamento do que com a implantação de uma política científica nacional. Para se ter uma idéia, quando foi criado, em 1985, o Ministério da Ciência e Tecnologia ficou com um quinto do que tinha para a área científica em 1979. Essa liberação reduziu de verba é resquício da Velha República, na qual a ciência era relegada a último plano.

Segundo Mário Mazzilli, Coordenador de Comunicação Social do MCT, “a questão de investimentos deve ser encarada com realismo. Em países como os EUA, que tem perto de 80% de investimentos nesta área feitos pelo setor privado, a situação de desenvolvimento tecnológico vai muito

bem, no Brasil, o Estado arca com a totalidade de investimentos neste setor, tendo portanto de conciliar a situação financeira do País com as necessidades de mais investimentos na área de ciência e tecnologia”.

Fala-se muito que a ciência no Brasil não tem uma boa performance, o que por um lado é verdade, devido a problemas de infraestrutura, mas por outro lado, enfatiza Mazzilli, “devemos observar que as crescentes pressões de competidores internacionais nas várias áreas, como informática, biotecnologia, até aeronáutica, demonstram que esta performance não é um fato tão verdadeiro assim, como pode parecer à primeira vista. Poderíamos afirmar, isto sim, que é uma performance que vem sendo consideráveis. Do contrário não existiriam as pressões dos competidores internacionais, como esta que estamos sofrendo em relação à nossa política de reserva de mercado para a área de informática. A competição vitoriosa da EM-BRAER com a indústria aeronáutica euro-

péia, ao disputar na Inglaterra o fornecimento de aviões de treinamento, foi um bom exemplo desta melhora de atuação”.

No sentido de resgatar a função básica da Universidade brasileira, que é a de produzir ciência, é que o Ministério trabalha, basicamente, através do sistema de distribuição de bolsas de pesquisa. O MCT sustenta, juntamente com a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), a Secretaria Especial de Informática (SEI) e outros órgãos, cerca de 2 mil bolsistas em todo o País e 1.280 no Exterior. O valor da bolsa, embora ínfimo (1,8 do salário mínimo) contribui para o desenvolvimento de pesquisas científicas de âmbito nacional. Este sistema é considerado pelo MCT como uma conquista que a todo custo deve ser preservada, e por isso, depois de um encontro com o Presidente José Sarney, o ministro Archer conseguiu uma suplementação de verba da ordem de 960 bilhões de cruzeiros, que apesar de não ser suficiente, vem aumentar as expectativas de um maior reconhecimento do valor da ciência para o País.

Pesquisa visa produção de batata-semente

GREICE ANGELLOTTI NEVES
MARIANNA NOVAES
MARIA DE FATIMA LIMA

O consumidor brasileiro não terá mais que se preocupar com as oscilações do preço da batata desde que sejam concretizados os resultados da pesquisa desenvolvida pelo Departamento de Biologia Vegetal da UnB sobre produção de batata-semente. O principal objetivo desta pesquisa é obter auto-suficiência na produção de batata-semente no Brasil, bem como o controle da qualidade da batata-semente produzida na região do DF, saindo desta forma da dependência de sua importação.

No sistema atualmente utilizado no Brasil para a produção de batata, a semente é importada de outros países, e, passando por diversos processos laboratoriais, torna-se um produto de alta qualidade, mais resistente do que as outras sementes comuns e capaz de sobreviver a geadas e excesso de chuvas e calor. O procedimento proposto pela pesquisa, que está sendo supervisionada pelo professor Francisco Cupertino, visa a produção de batata-semente pré-básica no DF, que depois será transportada para o Sul do País, transformada em semente básica. Posteriormente, será distribuída para todo o Brasil, atingindo seu estágio final que é a semente certificada pronta para a produção de batata a ser consumida.

A técnica utilizada para a produção de semente básica é a clonagem, ou seja, uma cultura de tecidos retirados da própria batata, que sofre várias transformações através de soros e hormônios. Quanto à produção que no Sul do país se dá de janeiro a fevereiro na época das chuvas e de maio a junho na época da seca, no DF seria de agosto a setembro, quando não há colheita no Sul e numa época em que o clima é favorável, preenchendo uma lacuna no calendário agrícola. Depois de quatro meses, haveria uma rotatividade entre as produções do Sul e do DF; o Sul produziria de janeiro a junho e o DF de julho a outubro, assim o Brasil produziria batata o ano inteiro.

Com o término da pesquisa a produção de batata no Brasil aumentaria consideravelmente e a qualidade do produto se elevaria. A batata teria maior tamanho, melhor aparência e uma das qualidades essenciais para o consumidor brasileiro: será mais barata.

CULTURA **idéias** Campus

Ano I nº 3
Dezembro de 1985

Caderno Especial
do Jornal-Laboratório Campus
Departamento de Comunicação da UnB

A cidade de Brasília tem ou não
tem uma cultura própria? Marba
Furtado, Tetê Catalão e Vladimir
Carvalho repensam a velha questão

A cultura de uma cidade
planificada como a nossa não
nasceu e não corre
planificada. Pelo contrário. A
cultura brasiliense é diversa e
pluralista. Mais que isso, é
local e universal, sem ser
comum.

Das contradições dessa
cidade/estado/
capital nasceu
uma cultura
influenciada por
tudo e por todos que aqui
chegaram, mas que hoje tem
uma forma própria e
influencia muitos que dela
provam. Com uma marca
própria e inconfundível.

Considerada por muitos que
por aqui passaram - mas não
ficaram, como um imenso
vazio cultural, viemos destoar
deste coro de descontentes.
Estamos aqui
para provar que
quem fincou (raízes) e
absorveu suas contradições,
pode dizer que Brasília
continua com seus imensos
espaços, mas ocupados por
uma - também - imensa
expressão artística e cultural.
Achamos também que as
contradições não acabaram,
continuam no ar,
nas ruas, nos
eixos e nas pessoas, mas
achamos também que é assim
que deve ser, pois é dessa
forma que todos se
manifestam e procuram se
encontrar, pois só através
desses (des)encontros é que é
possível cristalizar e refletir
uma cultura popular e
duradoura.

É necessário voar nas tuas
asas. Mais não é preciso.

BRASÍLIA?



MARCELO FEIJO



A linguagem do espaço ocupa a grande maquete

MARBA FURTADO

Quando Nicolas Behr alertava em 1979 que "... nestes blocos de apartamentos moram inclusive pessoas normais", colocando Brasília

os coqueiros, seringueiras, chimarrão e chimarritas deste enorme País. E este lado que torna Brasília portadora de um ser/estado cultural diferenciado.

Nicolas Behr não foi um ponto de partida nem será

FORMA CULTURAL

A cultura brasiliense está nas ruas, desde que estas ruas existem, ou ainda estavam nas pranchetas de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, pois, "... quando uma forma cria beleza

da há cultura. Ela será diferente de acordo com o material humano, físico e social utilizado para sua formação, mas ela existirá, seja preservando velhas formas, mantendo tradições externas ao meio, como buscando nova

ra no Plano Piloto"; Rômulo Andrade gravava e desenhava os contornos do cerrado contra o pôr-do-sol; Galeno pintava a expressão urbana, afirmava-se um movimento que iria explodir em todos os espaços disponíveis da cidade, do

Mistura cultural define Brasília

CAMPUS — Existe uma cultura Brasiliense?
Tetê Catalão: Vou pegar um exemplo pra ficar bem clara minha idéia. Há seis anos atrás foi feito um Seminário, realizado no SESC, onde foi feita essa pergunta. Existe uma cultura candanga? Foi feita então uma reflexão que acho procede até hoje. Brasília nasceu de uma contradição entre o rural e

o urbano. Entre a colônia e a metrópole. Brasília não nasceu apenas de uma decisão geográfica, ela não é apenas um bíbelô de arquitetura. Brasília nasceu e passou a ser um cristal. Porque cristal polariza luz. Vem para cá o fluxo das contradições. Então vieram desde o equívoco de uma produção refinada — as belas artes — até a antropofagia, a digestão da coisa mais urbana. E deste conflito que eu acho que Brasília pode extrair uma situação nova. Bom, naquele Seminário foi discutido que, no caso da poesia, os poetas tinham um lance de citar a W/3, num sei o que mais, para caracterizar a poesia de Brasília. Eu achava isto, e ainda acho, forçar a barra. Não é isso que vai caracterizar a poesia de Brasília. E um recurso um pouco fácil. Então, de repente, o cara pega um catálogo do DETRAN enche de gracinhas e vira um grande poeta, engajado na cultura brasiliense. Não é por aí.

Eu acho que no Brasil as coisas andam muito devagar. A reforma agrária, por exemplo, é uma reformazinha. Fica esse chororô por conta do FMI. Falta um posicionamento mais radical, no sentido de pegar pela raiz. Ai eu acho que cultura brasiliense pode ocorrer no momento em que pessoas, grupos, se exponham neste sentido.

CAMPUS — Como poderia ocorrer isto?

Tetê Catalão: Por exemplo, a gente pensa muito num projeto chamado curto circuito, que a gente pretende tocar ano que vem aqui na Fundação Cultural. Este projeto se chamará Concerto Sanfônico-Sinfônico. Então vem a Sinfônica do Teatro que é um modelo talvez estereotipado — não que a orquestra do Teatro seja isto — mas orquestra Sinfônica é uma estrutura de música chamada clássica, entre aspas. Dai chamamos também a sanfona que é um instrumento popular. Então esta idéia da sanfona e da sinfônica se encontram, tentarem um concerto junto, um conflito armado, é para mim uma idéia de cultura brasiliense. Acho que cultura brasiliense é essa diversidade, esta carga grande de informações, estas muitas influências, esta multiplicidade, que a cidade não resolveu ainda. Eu que cultura brasiliense mesmo é essa mistura. Eu até brincava num poeminho, que se "Pasteur de Rodoviária". O pasteur era o pasteur, cientista francês. As pessoas aqui ficam querendo trazer de fora uma tradição, no caso da França, que é um símbolo fortíssimo de tradição. E por outro lado a Rodoviária. Então se a gente conseguisse fazer um "Pasteur de Rodoviária" chegaríamos na cultura brasiliense.

CAMPUS — Muita gente fala que existe uma Brasília Plano Piloto e outra Brasília Cidade-Satélites. Como você vê isto existe esta segregação?

Tetê Catalão: Ah! sim, é indiscutível isto. Pra resolver isto o primeiro passo deve ser, dar condições às cidades-satélites de ter uma produção própria, e também as pessoas nas cidades-satélites não se colocarem na posição de coladinho. Isto acontece muito com as pessoas ligado à produção artística. "Ah!, porque todas as condições estão no Plano Piloto, aqui não tem nada". A gente aqui na Fundação tem pensado muito nisto. A gente pretende dotar as Satélites de instrumentos, de espaço onde se possa abrigar uma produção. Eles não têm são estas condições mínimas, mas é preciso ir à luta e não ficar se lamentando.

CAMPUS: Como se comportou a produção artística e cultural em Brasília nos anos de autoritarismo? De que forma ela agiu ou pode agir para a formação de uma identidade na cidade?

Tetê Catalão: O processo cultural em Brasília, eu posso dizer nos meus 13 anos de experiência em jornais e outros veículos, era assim: toda vez que você começava a polarizar, você era dispensado. Isso era característico, era matemático. Parecia, na nossa paranóia, que tinha um anãozinho na Esplanada dos Ministérios com um gráfico avisando: olha as pessoas estão se encontrando, tá polarizando, tá formando rede. No momento em que isto aconteceu em dois encartes que fizemos no Correio Brasiliense num outro que foi feito osj

do lado do avesso, em traço e texto de seu livrinho **Brasília Desvalhada**, ele se alinhava, naquele instante — e já há algum tempo antes — ao bloco dos que assumiam a cidade como a grande avenida por onde evoluiriam suas manifestações culturais. Com ele desfilavam todos aqueles em busca da identidade cultural homem-cidade; todos os que resolveram não sentir mais falta de esquinas, praias e tradições regionais, e buscaram, no lugar da importação de movimentos, modismos e tendências, criar um universo próprio, formar uma cultura, dar vida à grande

um marco final, mas é um exemplo vivo da absorção da cidade em um trabalho de interação com este ambiente. Porque não é possível a geração de uma cultura independente do meio em que se viva. Se a cultura é o conjunto de manifestações transmitidas coletivamente, como fruto de uma sociedade, também em Brasília a pluralidade seria inevitável, não fosse a própria cidade gerar novas emoções e, conseqüentemente, uma maneira diferenciada de vida. O espaço físico de Brasília, que cria um outro espaço subjetivo, emocional, determina esta maneira diferenciada de viver. E

ela tem uma função e das mais importantes na arquitetura" (como lembra o criador dos prédios de Brasília através do "pequeno diálogo, socrático" do seu livro **A Forma na Arquitetura**). "Para os que visitavam Brasília, gostassem ou não dos meus projetos, tranquilizava-me a certeza de que não poderiam dizer terem visto antes coisa parecida", ressalta Oscar na mesma obra. E é sobre esta cidade — que, segundo ele, cresceu "como uma flor do deserto naquela área vazia e solitária" — que vem-se erguendo a forma cultural, determinando as funções à plasticidade do meio urbano.

Este é o ponto de partida à formação cultural brasileira. Enquanto em outras cidades a funcionalidade na arquitetura toma a frente e as vezes até anula a forma plástica, aqui ocorreu o contrário. Para Niemeyer, a arquitetura se constitui de beleza, fantasia e surpresa arquitetural, daí toda a liberdade tomada diante da idéia de construir Brasília, seus arcos, estruturas que parecem somente tocar o chão, curvas, rampas, fachadas e vãos. Tudo o que viesse a se estabelecer informalmente neste espaço teria também que ser livre e inevitavelmente, determinar a função do conjunto arquitetônico-urbanístico da cidade. Esta característica praticamente definiu a verdadeira construção de Brasília ao longo de 25 anos, sobre uma estrutura provisoriamente instalada a serviço de atribuições oficiais. A cidade foi habitada depois de pronta. O Plano Piloto estava instalado e assim teria que ser ocupado. E assim foi: colonização plural, instalação de vide sobre a maquete

E esta é a forma cultural de Brasília: a instalação da vida sobre a cidade construída. Fixada a forma, desenvolveu-se o conteúdo e encontrou-se a expressão da cultura local. Há ainda quem diga que não há cultura brasileira. Mas o tema é tão vasto que, com mínima análise, sempre se chega pelo menos a, um esboço de "cultura candanga". Basta partir do princípio de que onde há vi-

expressão.

VIRA ARTE

A cultura brasileira é totalmente determinada pelo meio em que se formou. Não é independente da atribuição administrativa do Distrito Federal, mas também utiliza caminhos alternativos; se movimento no espaço físico (imenso espaço), buscando o espaço emocional que justifica a vida. Neste meio, exercita uma poesia que lhe é peculiar. Ao tomar as ruas-avenidas, ela vira arte, pinta nas paredes as cores e as formas que se identificam com a natureza irregular do cerrado; escreve nos livros a inquietação de quem procura um lugar sobre este imenso chão.

Sujeitos e objetos deste movimento, os homens que fazem a cultura de Brasília usam a cidade como o principal instrumento/material para a forma cultural. A expressão desta estrutura não tem mais a crença na "capital da esperança", porque não espera, mas faz.

Dentro deste universo cultural, a forma artística de Brasília tem sido uma das partes mais significativas, demonstrando, em sua diversidade, que há uma linha comum a sustentar todas as propostas: a transfiguração da realidade. Há blocos, eixos, asas, quadras, cidades satélites, setores, luz do céu, cores, árvores tortas do cerrado, pôr-do-sol, luar, Lago Paranoá cantados, pintados, moldados, fotografados, teatralizados. Há arte nas ruas e há ruas na arte subindo pelas paredes. Neste sentido, a cidade é realmente usada na formação de uma cultura artística que tem-se destacado como das mais ricas e expressivas; é uma transgressão à regras, conceitos, escolas e tendências; identifica uma geração mas, muito mais que isto, indica a convivência inevitável do homem com a cidade.

Enquanto Nicolas Behr escrevia "blocos eixos/quadras/senhores, esta cidade/é uma aula de geometria"; Renato Mattos cantava "um telefone é muito pouco, pra quem ama como um louco e mo-

Gama a Planaltina, fixando-se, principalmente, no Plano Piloto. Há muitos outros nomes, em todas as linguagens artísticas, colaborando com sua arte para a fixação da forma cultural brasileira.

Todos os verdadeiros artistas candangos transgridem a realidade em que vivem. Se não há transgressão, não há brasilidade e a cultura brasileira não se diferencia de outras culturas que no início até colaboraram para seu lançamento. Quando há um ano a exposição **Itinerário I** percorreu várias cidades brasileiras levando uma amostragem da pintura e do desenho locais, através de obras de Elder Rocha Lima Filho, Galeno, Elisa de Souza, Cruvinel, Lulz Gallina, Naura Timm, Nelson Maravalhas, Ralph Gehre, Reinaldo Cotia Braga, Valdir Jagmin, Vicente Martinez, Wagner Hermuche e Rômulo Andrade, entre outros, parte do Brasil reagiu à primeira impressão de uma arte caracteristicamente brasileira. Várias foram as respostas a estes estímulos, desde "que loucura" até "isto é maravilhoso", mas a admiração foi geral e unânime diante do que constataram: "em Brasília se faz tudo isto".

Ficariam mais admirados ainda se vissem alguns destes mesmos artistas usando o espaço físico de Brasília para expandir sua arte, amarrando embrulhos e colocando-os sobre os gramados, pintando as paredes e os abrigos de ônibus, ocupando as beiradas de blocos, as praças, os parques e os bares com música, dança e teatro. Ao mesmo tempo, lutando por um apoio oficial, que apesar da proximidade máxima não chega na medida esperada. Também isto criou uma característica do movimento cultural da cidade: o artista é o batalhador de seu próprio trabalho e, com isto, gera alternativas para se auto-produzir.

Então, existe uma cultura brasileira? "Dê um rolê, e você vai saber". A cidade está infestada de vida e esta enorme maquete não tem condições de ser aculturada.

Martha Furtado é jornalista e fotógrafa

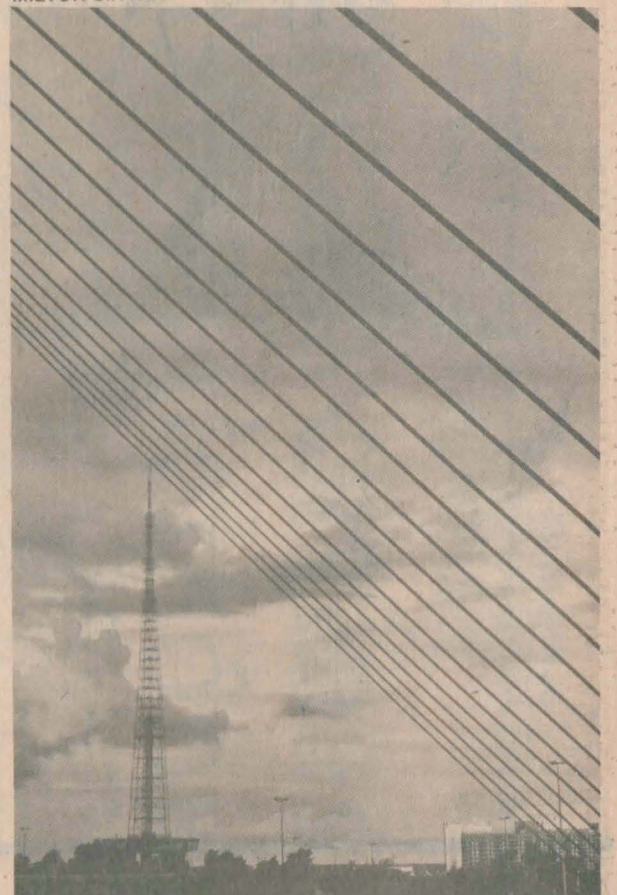
no jornal de Brasília. Isto aconteceu no Teatro também, na inauguração do galpão. Momentos em que se sentia que a coisa estava se arrumando, as pessoas estavam estabelecendo relações. Ai davam um jeito de acabar. Aqui mesmo na Fundação Cultural, você conversando com os funcionários antigos pode confirmar, quando apresentavam determinados tipos de projetos algumas pessoas falavam: "Meu Deus, mas isto vai juntar gente. Não pode". Quer dizer, isto é o oposto de hoje, pelo menos, nisto mudou. O que se quer hoje é estabelecer redes, estabelecer ligações. Isto é, um balão de ensaio, a coisa vai crescendo, vai surgindo uma cultura própria da cidade.

Campus: Cultura própria da cidade?

Tetê Catalão: E, cultura brasileira, pra resumir, é o que esteja considerando esta mistura. E o que esteja colocando tudo no liquidificador, esteja manipulando esta confusão. Isto no momento. Agora se vai digerir se vai surgir uma forma brasileira de acontecer, isto não sei. As coisas aqui estão pipocando. Isto é que caracteriza a cidade.

*Tetê Catalão é poeta, jornalista e agitador cultural.

MILTON CINTRA



O Poema

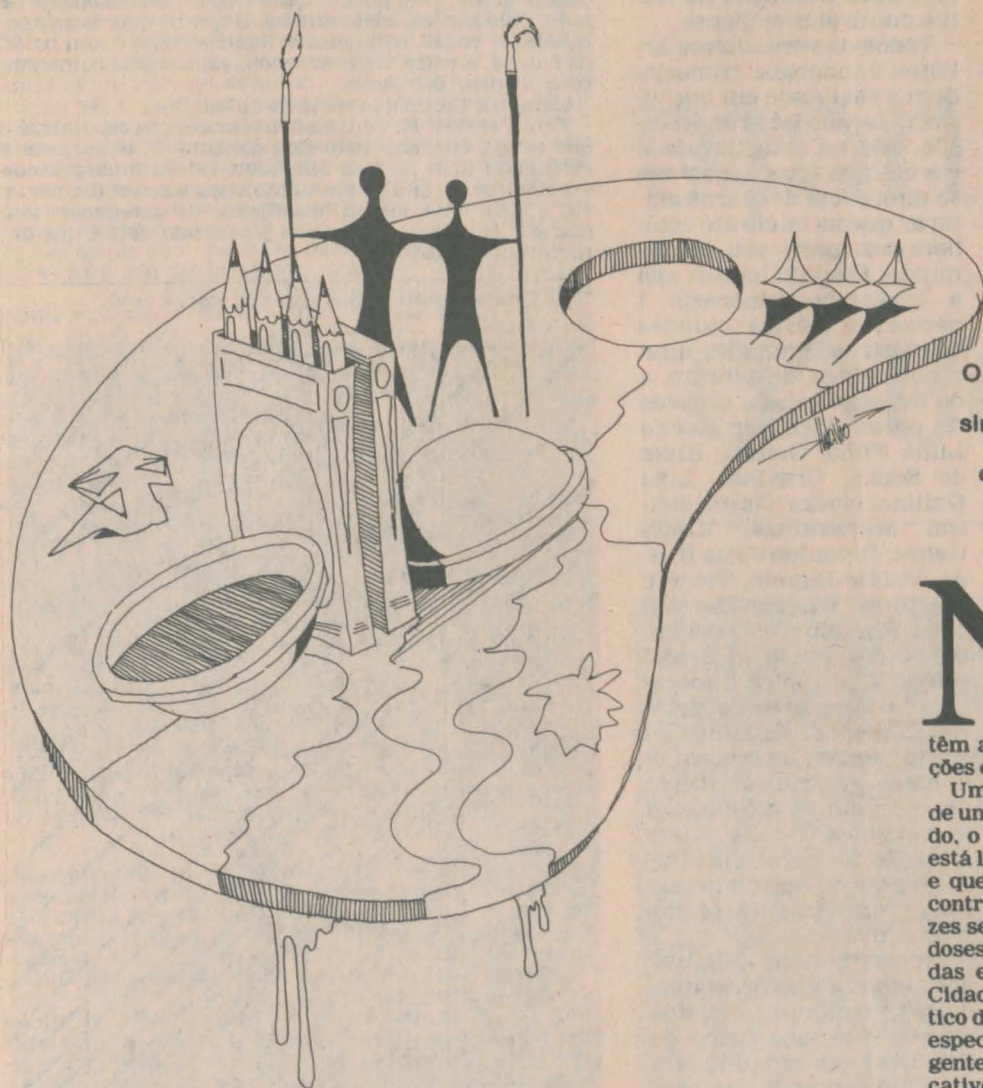
Tanto eixo
Pouca direção
Tanto bloco
Pouco carnaval
Tanto balão
Pouco São João
Tanto espaço
Poucos passos
Tanto super
Pouco mercado
Tanto cerrado
Pouca abertura
Tanta tesourinha
Tanta censura
Tanta quadra
Pouca rima
(Tetê Catalão)

É justamente a ocupação do espaço que irá definir o surgimento de uma cultura brasileira, um caminhar original e candango

maquete montada no cerrado.

E até possível que Brasília seja uma somatória de Brasil e de mundo, conservando por isso uma pluralidade cultural, assim como as manifestações culturais brasileiras são vistas ainda como um resultado da assimilação dos movimentos artístico-culturais europeus e norte-americanos. Mesmo se fosse só isto, o que existe agora, 25 anos depois, já é uma caracterização, resultante de todo um processo; o degustar coletivo que expele uma forma nunca igual à que foi ingerida/digerida. Pode ser que não haja nada mais além disto, mas é muito mais provável que, por baixo de seus blocos, nas linhas dos seus arcos, nos reflexos, nos muros, nas calçadas de suas longas avenidas, exista um jeito próprio de viver que, certamente, não tem o cheiro de mar de Ipanema,

é justamente a ocupação deste espaço que irá definir o surgimento de uma cultura brasileira, um caminhar candango que, ao mesmo tempo, contém todas as manifestações culturais nacionais e internacionais, sem ser exatamente nenhuma delas. Também não se define aí nenhuma tendência universalista, já que o universo cultural de Brasília indica uma abertura a todas as formas, mas não necessariamente um aproveitamento delas. Muito mais que isto, este universo demonstra uma transgressão constante à realidade oferecida, não se contenta com espaços determinados e ganha as ruas, quebra as esquinas que não existem (e nem devem existir) para pintar, no primeiro muro ou parede à frente, o mar de idéias que fervilha em uma sociedade de característica realmente coletiva.



O popular e o erudito se misturam e se sintetizam no espaço arquitetônico da capital da república

MARCELO FEIJÓ



A cultura dominante

VLADIMIR CARVALHO*

N o caso de Brasília nenhum programa de política cultural poderá ser levado a efeito se não atentar em primeiro lugar para composição sócio-econômica do Distrito Federal, para os modos de produção aqui desenvolvidos, para a natureza e relações dos diversos organismos que a nível institucional têm a seu cargo a promoção e a ativação das manifestações culturais e artísticas.

Uma primeira constatação nos aponta para a existência de uma ampla camada de servidores da máquina do Estado, o que comumente chamamos de classe média e onde está localizado o intelectual cooptado pelo próprio sistema e que vive às suas expensas, tendo eventualmente suas contradições ideológicas. Essas contradições algumas vezes se expressam — e é só olhar o passado recente — em doses ocasionais de desobediência civil, atitudes deliberadas e às vezes inofensivas de contestação. Sendo uma Cidade-Estado abrigando o gigantesco aparelho burocrático do Estado, Brasília-DF é diferente dos outros centros, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo. Ali o contingente de elementos ligados à produção, o número significativo de profissionais liberais e autônomos ligados à iniciativa privada são responsáveis por uma maior independência de atitudes políticas, por um maior grau de liberdade de movimentos em variados níveis. Mesmo em tempo de rigorosa censura.

Aqui, ao contrário e em tese, estão todos atrelados aos interesses do Estado, zelosos de suas posições, empregos e salários. Esplêndido berço e terreno fértil para a chamada cultura oficial ou oficialista. Muito embora já devamos considerar este quadro numa perspectiva antiga, tendente a ser modificada com as novas estruturas e reformas pensadas pela e para a Nova República. Aquele segmento, entretanto, são geralmente destinados em maior ou menor escala as benesses e privilégios do Poder, em forma de recursos, serviços, assistência e até mesmo pela distribuição do espaço urbano e arquitetônico por onde transita lampelra a cultura oficial. Nesse sentido não seria exagero dizer-se que aqui a classe dominante é mais dominante do que em outros centros.

Dentro deste quadro que vai sendo ultrapassado e no outro pólo da escala social, como decorrência natural da divisão e privilegiamento de classes, se encontram os produtores espontâneos de cultura, localizados no que se convencionou chamar de *periferia*. Culturas analfabetas, hábitos que traem a origem campesina, onde as marcas mais profundas do passado histórico estão presentes. Trazem consigo inconscientemente uma espécie de vacina ou bloqueio às investidas do que vem de fora através dos canais competentes dos meios massivos cada vez mais poderosos. Habitam as cidades satélites, as invasões e vilas ou

estão nos limites de cidades do interior goiano. São artífices de uma defesa natural da cultura do povo. São escultores populares, cantadores, repentistas, pintores, mestres de "bumba-meu-boi", festejos do Divino, por uma parte. Por outra e no seu núcleo mais consciente, ao contato mímico com as manifestações políticas do Plano Piloto, já se nota uma militância e uma busca de cidadania do que produzem: são os articuladores de associações de bairro ou de moradores, promotores de festivais de música, atores e artistas plásticos com alguma formação, animadores de grupos teatrais, de cine-clubes, de conjuntos musicais, etc.

Grosso modo e omitindo matizes diversos, são esses dois grandes focos em que se divide a produção cultural no Distrito Federal vista como um processo social. Equilibrando o tripé resta considerarmos a mediação institucional. Esta é representada especialmente pela ação da Fundação Cultural, pela Funarte e Departamento de Turismo, entre outros, que configuram a tutela do Estado no campo da cultura aqui. Exceção feita de manifestações espontâneas e desassistidas, fora do espaço do Plano Piloto, muito do que é feito recebe o beneplácito destas instituições. E pelo vazo deformador de todos esses anos de ditadura como enorme seqüela de privilégios e apadrinhamentos de um lado e repressões e inibições de outro restou quase tão só e exclusivamente o apolo e a pretensa dinamização do que é sediado no Plano Piloto: a ópera, recitais e concertos, discutíveis espetáculos teatrais, exposições embutidas nos salões da Fundação Cultural, sem acesso ao grande público; irrisórios e esporádicos financiamentos concedidos às entidades de classe e a produção amadorística de um festival de cinema decadente.

Agora apresenta-se um momento para rearticular ou simplesmente articular as engrenagens desses segmentos por via do eixo **intelectuais e artistas do Plano Piloto e representantes** das comunidades ditas periféricas. Reconhecendo a componente oficialista, numa Cidade-Estado de perfil burocrático e administrativo sem perder de vista um momento histórico em que nos preparamos para reformar as instituições, democratizar o poder, redistribuir as oportunidades e abolir o quanto possível as diferenças de classe. No nosso caso particular se impõe o reconhecimento dessas condições objetivas, para não cometermos erros de avaliação e vermos com ótica obreirista uma situação que é típica de pequena burguesia. Só assim poderemos avançar no processo, dinamizando sem paternalismos o quadro peculiar de Brasília.

* Vladimir Carvalho é cineasta, professor da UnB, autor dos filmes "O País de São Saruê" e "Evangelho segundo Teotônio", dentre outros.

idéias

Editor Geral — Carlos Augusto Setti
Secretário de Redação — Hélio Doyle
Editoria de Arte — Maria Rita e Chico Amaral
Editora de Fotografia — Luiza Venturelli
Edição e Reportagem — Margaret Vitória, Marcelo Feijó e Reinaldo Freitas
Fotos — Marcelo Feijó e Milton Cintra
Ilustração — Flávio Silveira
Laboratorista — Jeová Xango
Composição, Impressão e Revisão — Correio Braziliense

CRENTES X PECADORES

As bençãos divinas vencendo o demônio

MARIA CACILDA BENEVIDES
NICOLAU EL-MOOR

Dez mil adeptos, nos 40 salões existentes no DF, onde se encontra a matriz nacional aberta 24 horas por dia. Ao todo, 750 mil fiéis espalhados por quase todos os estados da Federação, com ramificações nos Estados Unidos, Chile e Gana. Nada significativo ao se pensar que existem 50 milhões de católicos no País, mas espantoso se levado em conta o fato de tais dados se referirem ao ITEJ, Tabernáculo Evangélico de Jesus, uma Igreja pentecostal, mais conhecida como Casa da Benção. Fundada há apenas 21 anos por Doriel de Oliveira, um paulista de 46 anos, que não tem ainda uma linha teológica claramente definida, não diferindo em nenhum ponto dos pentecostais tradicionais e sempre às voltas com boatos de que venderia terrenos no céu, passagens para um suposto trem do além e até anjos de guarda por preços de ocasião.

Maurílio e Doriel foram acompanhados pelo deputado Mário de Oliveira (PMDB-MG), pastor da Igreja Quadrangular. O Governador aparece no último número da Mensagem, numa matéria de página inteira, intitulada "Deputado José Aparecido de Oliveira: escolha feliz para governar Brasília".

Um desempenho espetacular para quem, há 20 anos, morava num barraco em Taguatinga Sul e tinha uma pequena armação de lona com bancos de madeira, onde pregava. Quem faz a afirmação é d. Odete Marmori, moradora em Taguatinga Sul e que ainda se lembra dos primeiros anos da Casa da Benção. D. Odete teve uma empregada, com quem perdeu o contato, que freqüentava a Casa da Benção. Ela diz ter recebido pelo correio, por engano, há cerca de dois anos, um carnê de orações da ITEJ. Em suaves prestações, os necessitados pagariam pelas orações feitas para eles no

SUSANA DOBAL



Doriel, ao que consta, teria saído "expulso" de Belo Horizonte em 64, vítima de tais acusações. Naquela época, com 25 anos, ele era um pastor pentecostal, recém-casado. Sua versão é de que a mudança para Brasília, assim como a idéia de criar uma nova seita, foram "chamados de Deus". Ordem divina ou não, a verdade é que ele acredita que Deus o tem ajudado. Ele é o missionário maior da Igreja que criou, conseguiu construir uma catedral em Taguatinga Sul com estacionamento e lugar para seis mil pessoas sentadas, tem um programa diário na TV Capital e dois na Rádio Capital. 700 filiais da Casa da Benção no Brasil e o escritório do Supremo Concílio da ITEJ, em Brasília, que "tinha apenas uma máquina de escrever, algumas canetas e clips, quando foi criado, possui hoje quase 15 funcionários diretos e dez indiretos", de acordo com a Revista Mensagem, de julho/agosto de 85, quinto número da publicação de 30 páginas do ITEJ, cujo presidente é o próprio Doriel.

Na estelra dos protestantes que querem um maior espaço político, a Casa da Benção está lançando candidatos para as eleições de 86 em Pernambuco, no Rio, em Minas e em Brasília, onde o pastor Maurílio Silva e o missionário Doriel estariam mantendo contatos com representações políticas, no sentido de participarem das eleições do próximo ano, e com isso, chegarem à Câmara Federal, para "representar o povo evangélico". Um destes contatos é o Governador do DF, José Aparecido, que os recebeu em sua casa no dia 26 de junho.

A moça se debate enquanto o pastor grita para o diabo abandonar seu corpo. Um altar-palco, quase um espetáculo, onde o missionário Doriel é a estrela.

SUSANA DOBAL



ITEJ. Os pastores da Casa da Benção e o próprio Doriel negam a existência de tais carnes. Afirmando que as orações são feitas gratuitamente, bastando que o interessado preencha uma ficha de oração ou use o serviço de Tele-Benção, no qual o incapacitado de ir à Igreja telefona a qualquer hora do dia ou da noite e recebe uma benção ou oração pelo telefone. As despesas de manutenção, construção de novas Igrejas e salários dos pastores e funcionários variam unicamente de ofertas e dízimos (10% da renda dos crentes, prática comum nas Igrejas protestantes), de membros e "amigos", segundo Doriel.

Os cultos são bem ao estilo Rex Humbard: pastores inflamados falando de legiões e mais legiões de demônios, da vida eterna e de como o fumo, a bebida, as "festas alcoólicas" e evidentemente, as drogas, atrapalham o crescimento espiritual. Muitos hinos em louvor a Deus, alguns deles, verdadeiras pérolas de composição: "Vem espírito dentro de mim/Apodera-te do meu ser/Minha vida é um barco/E Jesus é o capitão". Ainda mais porque nem sempre os pastores (munidos de microfones) são extremamente afinados e a Família Hallelujah (Aleluia), um grupo de dez parentes, só canta em grandes reuniões e eventos.

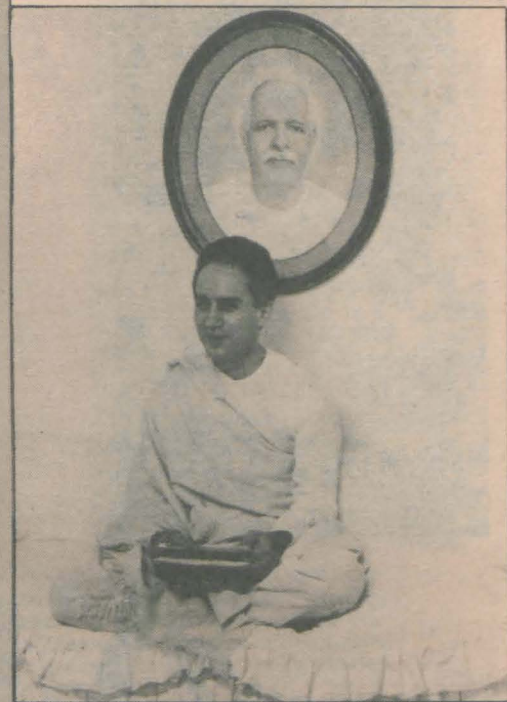
Outras Igrejas, como a Batista, fazem restrições também ao fato de os pastores da Casa da Benção, ao final dos cultos, pedirem para os presentes segurarem e levantarem nas mãos documentos seus ou de outros, carteiras de trabalho, chaves do carro ou de casa, para então fazerem a oração final, que pede a Deus que conceda as graças desejadas. Talvez para que, através dos documentos, Deus possa identificar o agraciado. Mas, mesmo com restrições, a ITEJ participa do Conselho dos Pastores do DF, e inclui artigos do "Presbiteriano Bíblico" e de outras publicações na Mensagem.

A família de Doriel participa ativamente da Igreja. Sua filha Lillian é líder da Mocidade da Catedral e colabora em Mensagem. Na coluna Contatos com a Juventude, Lillian escreve sobre o álcool: "... então o jovem se vê ameaçado pela sociedade que o cerca e começa a tomar uma simples cervejinha, ou um vinho e posteriormente acaba por terminar na cachaça, pura e destruidora". Ou, "esse negócio de uso social é simplesmente uma grande mentira... Há casos muito conhecidos de jovens brasileiros ou não, de ídolos que morreram em consequência do uso e abuso de álcool, como Elvis Presley, John Wayne, Ellis Regina (que além de álcool ingeria cocaína quase que diariamente), entre outros".

Além da família, que serve como catalisador, a religião de Doriel se serve de curas e exorcismo para atrair adeptos. Em Brasília, é mantido um armário na Matriz, onde, em vidros comuns de malonete e massa de tomate, são guardados os objetos expelidos pelos "endemoniados". Há pregos, diversos objetos de madeira e metal e até "terra de cemitério" (cemitério com "I" mesmo), como indica o rótulo. São raros os cultos em que não acontece que um presente seja possuído e caia, grite e se debata.

E enquanto ninguém procura provar a existência real das curas e a veracidade das denúncias feitas contra a ITEJ, eles realizam Congressos Mundiais em Brasília, criam um Seminário, que conta hoje com cerca de 100 seminaristas.

MEDITAÇÃO



Mente e espírito: a yoga sem gurus.

ANA TEREZA VIEIRA
DENISE SA

Muitas pessoas acham que Yoga é só uma série de posturas e exercícios físicos, mas existe uma linha espiritual, a Raja Yoga, que aborda um aspecto diferente. Ela se concentra mais no controle mental e desenvolvimento das potencialidades espirituais e trabalha com emoções, sentimentos e forças internas, pouco exploradas pela maioria das pessoas. À medida que essas forças são trabalhadas, ocorre uma transformação global na vida espiritual do indivíduo. Como prática espiritual, desenvolve as mais elevadas potencialidades, muitas vezes sufocadas por uma série de fatores que, na realidade, podem ser tiradas e conduzidos para o estado original das pessoas.

O primeiro Centro de Raja Yoga teve início há cinco anos em São Paulo, e no DF existe um que completa seu primeiro ano em dezembro. O Diretor é Cícero Prado Sampaio. Todos os cursos são gratuitos, pois o centro não tem fins lucrativos. E ele quem explica. Normalmente, o fluxo de pensamento de uma pessoa durante o dia é muito grande, o que faz com que a mente trabalhe intensamente para responder à uma enorme série de estímulos. Eles despertam no organismo humano uma cadeia de reações que a princípio parecem de pouca importância, mas na realidade são fundamentais e podem ser trabalhados e controlados.

"Se há um ambiente tenso, uma situação de ódio ou de tristeza em torno de uma pessoa, ela pode se tornar vulnerável a este estado mental", diz Sampaio. É preciso, então, que ela tenha entendimento do seu processo de pensamentos através da prática de exercícios de meditação, pelo qual ela pode conseguir o controle da situação, da energia que sai de dentro dela, e que é muito grande. Se essa energia não for controlada e direcionada, no momento em que for necessária a sua utilização, para uma atividade superior, o organismo não terá condições de ordená-la e liberá-la.

Os cursos ministrados no Centro de Raja Yoga de Brasília, são um aprendizado simultâneo, compartilhado entre professores e alunos. Não há gurus e mestres, todos estão aprendendo, mesmo os professores são também alunos. Neste curso são ensinados aspectos teóricos do conhecimento, noções sobre alguns aspectos básicos da yoga, além de exercícios, trabalhos espirituais, natureza da alma e de Deus, o papel do homem no mundo e como é o relacionamento entre a alma e a matéria. Esta parte fornece um substrato teórico. Simultaneamente, pratica-se a meditação que corresponde ao Yoga propriamente dito.

Outro aspecto é a questão de como colocar em prática as potencialidades espirituais, como corporificá-las e transferi-las de um nível de estudos teórico para um nível de entendimento, de ação, que é na realidade, a parte de assimilação de virtudes, ou seja, o Dharma. O último item é o sentido espiritual. Quando são absorvidos qualidades, virtudes e transformações através do controle da mente, passa-se a ter condições de servir a outras pessoas sem individualismo e sem discriminação pois essa é a principal função da Raja Yoga: servir em prol da paz universal.



A 100 quilômetros de Brasília existe uma comunidade que está consciente de que a união faz a força. Trata-se de Olhos d'Água, distrito de Alexânia, no interior de Goiás. O lugarejo é formado por cerca de 200 casas e 1.500 habitantes empenhados em manter viva uma tradição artesanal que é transmitida de geração para geração. Para tanto, fundaram, no último dia seis, a Associação dos Artesãos de Olhos d'Água que já enfrenta alguns problemas por falta de apoio municipal.

Segundo a presidente da Associação, Maria de Fátima Dutra (Fatinha), apesar do lugarejo ter sido fun-



dado há 40 anos, só no início dos anos 70 o artesanato local começou a ser difundido através do trabalho desenvolvido pela artista plástica e poetisa Lais Aderne, que organizou a primeira Feira de Trocas da localidade, em 1974, cuja finalidade era a de trocar mercadorias industrializadas por artesanato, numa tentativa de suprir a comunidade com roupas, sapatos, cobertores e outros.

"A partir da primeira feira, os artesãos começaram a pensar na sua produção como um meio de vida e não somente algo que satisfizesse as necessidades domésticas", disse Fatinha, referindo-se à produção de vasilhas de cerâmica, cadeiras e banquinhos rústicos, cortinas feitas de bambu e coqueiros; tapetes, mantas, cobertas; licores e doces caseiros feitos com frutas regionais; chapéus, balaios, bolsas e tapetes de palha; bonecos de bucha coloridos por tintas extraídas de plantas abundantes no lugarejo. Este modo caseiro de extrair a tintura para o artesanato está sendo objeto de estudo, há quase dois anos, por um grupo de alunos que cursam a disciplina "Análise e Exercício de Materiais Expressivos", com a professora Zuleica Medeiros, do Departamento de Desenho, na UnB (Veja matéria ao lado).

Recentemente, os artesãos de Olhos d'Água mostraram seu trabalho no Anexo II, da Câmara dos Deputados, onde, além do grande sucesso que fizeram, conseguiram arrecadar uma

OLHOS D'ÁGUA



Quando a união faz a força

A comunidade tenta, com muita luta, manter a tradição artesanal que é transmitida de geração para geração



DENISE SA
SANDRA MACHADO

FOTOS: MARCELO FEIJO

importante soma de dinheiro, com a venda de todos os objetos levados, para ajudar na construção da sede da Associação. O espaço na Câmara foi conseguido com o esforço de Isabel Zanetti, mulher do deputado Hermes Zanetti (PMDB-RS), que também luta pela sobrevivência da cultura do povoado desde sua primeira visita ao local, ano passado, numa das duas feiras que são realizadas anualmente. "Temos que fazer de tudo para conseguirmos atingir nosso objetivo", disse Isabel. Segundo ela, o trabalho artesanal de Olhos d'Água é "apaixonante". "Senti um alto astral neste lugar. Uma espécie de volta às raízes. Coisa que não temos em Brasília, onde as pessoas, de um modo geral, não vivem com suas famílias. Em Olhos d'Água, descobri uma segunda família e um modo de vida parecido com o de Porto Alegre, minha cidade".

Segundo ela, há muito o que se fazer pelo lugar. "É um absurdo o povoado ter que comprar algodão de produtores paulistas, sendo que têm toda essa terra aqui em volta". Para ela, a única coisa que precisa ser feita é a EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) enviar um técnico para fazer um levantamento do solo e ver de que necessita para melhor adubação, a fim de que não aconteça como no ano passado, quando os pequenos agricultores perderam a safra acarretando prejuízos enormes para eles, que já não dispõem de quase nada. "Provavelmente o solo necessita de calcário, mas não temos certeza. Não dá para entender esse descaso das autoridades. Outro dia, pedimos ao Secretário de Educação de Goiás para ver o problema da Escola Experimental, onde as crianças aprendiam, com os mais velhos, a tecer, mexer com barro etc. Mas teve que ser fechada por falta de condições materiais e apoio administrativo. Ele afirmou que cuidaria do caso, mas até hoje as professoras estão assinando ponto na mercearia da esquina".

Sobre isso, Isabel disse que já manteve contato com o Ministro da Educação pois, para toda a comunidade, é importante que os mais novos mantenham vivo o interesse pelo artesanato e, conseqüentemente, mantenham viva a própria tradição do lugar que, apesar da sua breve história, é formado por pessoas que moravam nas redondezas, geralmente em fazendas. "Essas crianças estavam desenvolvendo habilidades manuais, além de escutarem antigas histórias dos mais velhos, o que também é importante".

Existem figuras típicas na comunidade, como Claudiano, um homem que aprendeu as danças típicas da tribo Carajás e agora ensina para as crianças os rituais indígenas. Há, também, as mulheres da família Dutra, da qual Fatinha faz parte. É o exemplo típico das gerações de Olhos d'Água. Dona Ana é a bisavó, Dona Maria a avó, Fatinha a filha e Diana a neta. Todas vêm no artesanato sua paixão.

Num ponto, a população de Olhos d'Água é unânime: querem, a todo custo, manter suas raízes vivas e a paz local. Para tanto, será realizada a vigésima segunda Feira de Trocas, nos dias 30 de novembro e 1º de dezembro, quando esperam voltar ao objetivo inicial da festa, que é a troca. Segundo participantes das últimas feiras, elas estavam ficando descaracterizadas, havendo vendas de mercadorias, em vez de troca. No sábado terá uma festa, com muito forró, tapuas, lundum, mostra de fotos, muito artesanato e alto astral... a comunidade está de portas abertas aos "troca-dores", inclusive com serviços de "bandejão". E ir e conferir.

UnB estuda cores de Olhos d'Água

Olhos d'Água, além de ser a "vida do artesanato" é ainda objeto de estudo de um trabalho que vem sendo desenvolvido desde 84 pela Professora Zuleica Medeiros e um grupo de alunos do Departamento de Desenho da UnB. É uma pesquisa sobre o processo de tingimento utilizado no local e das diversas plantas que possuem pigmentação e suas cores. "O povoado é rico em árvores que possuem as características necessárias para a produção de tinturar caseiras", diz Zuleica Medeiros. "Esses estudos, além de contribuir para o desenvolvimento da comunidade, vêm adquirindo repercussão favorável, não só no plano artístico, mas também no econômico, pois são formas alternativas de produção de material".

São mais de vinte espécies de plantas cujas cascas são usadas no artesanato local. As mais comuns são "Maria-preta" e "capa-rosa", que dão a coloração preta; "vinhático", que produz um marrom avermelhado; "anil", que dá azul; "quaresminha", amarelo, "genipapo", azul marinho e "lobeira", "mama-deporca", "palmeira", "pombelro" e "barbatimão", passam do marrom até o bege. Há, ainda, raízes como o "açafraão", que produzem o amarelo. O modo de produção é simples: após retiradas as cascas ou raízes, elas são fervidas, e,

depois, ao "caldo" é acrescentado um fixador para que o tecido depois de lavado não perca a coloração. Dependendo do fixador e do material de que é feita a vasilha usada para ferver as plantas (cobre, alumínio, barro ou ferro), a tonalidade da cor será diferente.

A variedade de cores é tão grande, que Zuleica, apoiada pelo PNDA - Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato Ministério do Trabalho, está elaborando um livro contendo todos os tipos de plantas existentes e as colorações possíveis de se obter com cada uma delas. "Este livro será entregue até o final do ano a todas as comunidades que lidam com artesanato no país", informa Zuleica. Outra proposta que vem sendo analisada, é a criação de um museu no lugarejo onde as pessoas teriam acesso às informações sobre o artesanato, conheceriam as peças e os ve-

lhos se reuniriam para contar as suas histórias, reativando a cultura local.

DIFICULDADES

Esses estudos já são conhecidos por diversos órgãos federais que se mostraram interessados em desenvolver projetos maiores a partir do que foi feito por Zuleica. O Ministério do Trabalho propôs a assinatura de um convênio com a UnB, para que essas pesquisas não sejam desativadas por falta de recursos.

Um dos problemas mais graves enfrentados por Zuleica e seus alunos é a falta de espaço: "Eu possuía uma sala ampla no Departamento, mas no início deste semestre, quando cheguei para começar as aulas de análise e Exercício de Materiais Expressivos, havia outra disciplina no mesmo horário e local e nem eu e muito menos a professora da outra disciplina tínhamos conhecimento dessa estranha coincidência". Depois, Zuleica obteve outra sala no Departamento de Desenho, só que, sem saber porque, foi removida para a Maquete, que fica logo acima do Departamento de Direito. "Não é que o local seja ruim. O pior é quando colocamos as polpas", material usado na confecção de papéis, para ferver. Elas jorram e acabam estragando os trabalhos que já estão prontos. E fora isso, os alunos ficam amontoados".

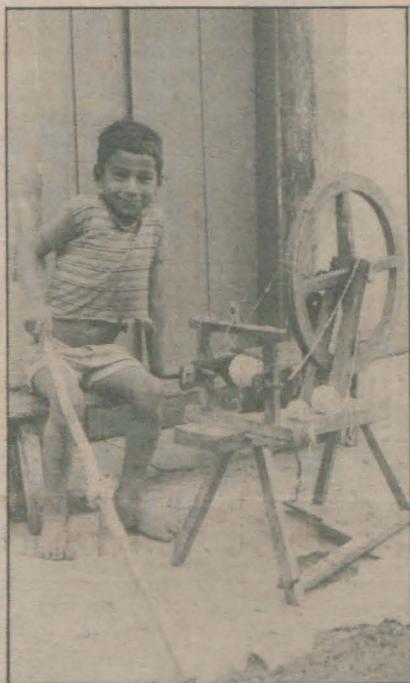
A Chefia do Departamento alegou que a matéria ministrada por Zuleica causava muita sujeira nas dependências do Desenho. "Mas a sujeira é a base da nossa pesquisa. É quase impossível trabalharmos com terra, casca de árvore, sabugo de milho, tintas e outros materiais, sem deixarmos algumas mesas manchadas. Ai, cabe a

eles decidir se preferem um departamento limpo e improdutivo ou um lugar cheio de terra, e fornos, mas que possa trazer diversos benefícios aos artistas e economia para o próprio departamento".

Apesar de não ter o apoio da Universidade, Zuleica não está sozinha nesse projeto. Alguns professores de outros departamentos, como Wagner Borges Machado, da Agronomia e Joaquim Carlos Gonzales, da Florestal, estão assessorando seu trabalho, principalmente na busca de uma alternativa para fixar o verde. Há a proposta do PNDA para a criação de um grupo interdepartamental entre Arquitetura, Educação, Sociologia, Artes, dentre outros, para pesquisar a produção alternativa pelo período inicial de um ano. Esta medida já está em fase de análise e entrará em execução em 86.

Para Zuleica, o laboratório de análise e exercício de materiais expressivos é importantíssimo, pois além da Universidade economizar material como papel e tinta, os alunos participam de todas as etapas do processo: eles colhem a matéria-prima preparam o material necessário e produzem seus trabalhos. E é Zuleica quem diz: "É o conhecimento popular passando por uma tecnologia e catalogado, que depois retorna à comunidade de forma mais organizada, o que facilita o ensino às novas gerações". E o trabalho de Zuleica não é conhecido só no Distrito Federal: "Já recebi cartas de várias partes do país pedindo receitas, inclusive de desempregados que querem desenvolver as tinturas para sobreviver. Acho que este é o principal objetivo da Universidade; a pesquisa e o auxílio à população".

A professora Zuleica Medeiros lidera um grupo de alunos do Departamento de Desenho que desenvolve pesquisa sobre o método caseiro de tingimento



IV FEIRA DO LIVRO

Algumas atrações, mas pouco público

CLAUDIO FERREIRA
HELOISA HELENA

Em meio a tantas novidades, a IV Feira do Livro não está tendo a mesma repercussão que foi sua marca registrada nos anos anteriores. Sem a presença de autoridades e autores, a Feira não tem atraído um bom público, deixando vazios os 46 stands.

A novidade maior ficou por conta das representações musicais. Durante toda a semana, foram programadas diversas atividades, sempre começando às 20 horas. A programação foi aberta pelos corais da Caixa Econômica, CEUB e UnB, prosseguindo com apresentações de música clássica, conjuntos populares como o Liga Tripa e outros corais.

As já tradicionais promoções de venda de livros por quilo trouxeram muita gente à feira. Mesmo vendendo livros estocados há muito tempo, essas promoções

"conquistam" mais pelo preço do que pela novidade. Algumas bancas estavam bastante concorridas, contrariando o pouco movimento da Feira em geral.

Outra novidade ficou por conta dos stands. Apesar de serem menos que nos anos anteriores, não utilizando todo o espaço do Centro de Convenções, cada stand pensou numa fórmula diferente para chamar o público. A revista *Isto É* montou uma banca que vendia suas assinaturas, e os vendedores distribuíam exemplares antigos da revista. Outra banca fornecia um bilhorrinho para os seus fregueses.

Já o stand da Livraria Presença teve uma idéia original: seus vendedores pregavam papéis adesivos com números impressos na roupa dos visitantes. Caso fosse encontrada outra pessoa com o mesmo número, os dois teriam direito a livros grátis. Fora as bancas das livrarias e editoras, marcaram presença com stands a Embaixada da União Soviética, a FAE (Fundação de Assistência ao Estudante), a Funtevê e o Sindicato dos Escritores.

A Universidade de Brasília teve uma grande participação. O reitor Cristovam Buarque foi um dos oradores na cerimônia de abertura da Feira. O Departamento de Música liderou a programação artística, pois vários dos seus alunos deram concertos locais. O Coral da UnB, além de cantar, organizou a apresentação dos outros corais. E a Editora da UnB montou um stand para vender as suas publicações, que atraíram o público devido à especificidade dos seus temas.

Muitas críticas foram feitas em relação à falta de apoio financeiro e o Governo do Distrito Federal foi classificado como omissor. Outra falha foi em termos de organização, pois não havia quem desse informações mais detalhadas sobre a Feira. A MusiMed, editora que coordenou o evento, foi a única a distribuir um catálogo, contendo a relação de suas publicações.

Numa feira deste tipo, o público é atraído também pela presença dos seus autores preferidos,



que autografam seus lançamentos mais recentes. Este ano, foi anunciada a presença de Fernando Moraes, autor do livro "Olga", sobre a vida ativista política alemã Olga Benário, mulher de Luis Carlos Prestes. Tivemos presença da manequim Xuxa, que veio autografar seu livro infantil "Só, na quinta-feira. Isso reflete a descoberta de um novo público, as crianças, que a cada dia consomem mais literatura. Para elas, algumas editoras e livrarias reservaram um espaço especial, e a quantidade de livros infantis superou qualquer outro gênero de publicações.

Outra atividade paralela, ligada a este interesse no público infantil, foi um Seminário promovido pelo Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil de Brasília. E pena que iniciativas como estas não sejam muito estimuladas. Resultado: este foi o único seminário promovido paralelamente à Feira.

Para os visitantes, a dificuldade maior foi encontrar os livros de sua preferência, já que só o

stand do Sebo do Livro separou seu material por assunto. Criada para, entre outras coisas, vender livros a preços mais acessíveis, a Feira do Livro parece ter esquecido esse seu propósito. Com raras exceções, os descontos prometidos não eram muito compensadores, e alguns livros foram encontrados com preços acima do mercado. Quem se dispusesse a andar um pouquinho, iria encontrar diferenças significativas de preços, de stand para stand.

Mesmo com todas estas desvantagens, a Feira do Livro ainda é uma boa oportunidade para quem gosta de ler e procurar a boa literatura. Para o próximo ano, espera-se um maior incentivo, e consequentemente, uma melhor organização. Está provado que o bom público consumidor de leitura em Brasília. Cabe aos editores estimular a presença deste público, com melhores ofertas e uma maior diversificação de livros. E que continuem as atividades paralelas, que também acabam sendo um estímulo para o público.

CENTRO DE CRIATIVIDADE

Portas abertas para a imaginação

SUZY SOBRAL

Reforçando a idéia de interação entre as diversas atividades artísticas, elaborando/mirabolando novos projetos e avaliando o caminho já percorrido, o Centro de Criatividade encerra o ano de 1985, primeiro período de sua nova fase. Alex Chacon, coordenador do Centro, classifica essa primeira temporada como um "período ingrato", mas promete entrar com tudo no próximo ano.

O Centro de Criatividade, localizado na 508 Sul ao lado do Teatro Galpão, já fez jus ao nome, nos dois primeiros anos após a sua criação, durante a gestão de Vladimir Murtinho na Fundação Cultural do Distrito Federal e sob a direção de Hugo Monte e Luis Aquila Rocha Miranda. Entretanto, o Centro de Criatividade foi fechado (teriam sido forças ocultas?) e quando reabriu em 1981, sob a gestão do Sr. Carlos Matias, já não era a mesma coisa. Drenado de toda autonomia e importância, sem direção própria, com equipamentos retirados e desviados para outras

funções, o Centro de Criatividade estava impossibilitado de funcionar da maneira como foi concebido.

Considerando-se estes fatos, é fácil imaginar porque este primeiro período, após a mudança da administração, foi qualificado como um "período ingrato". Além disso, essa época coincidiu com a escassez de verbas da Fundação Cultural (órgão que sustenta o Centro) e com a necessidade de um crescimento físico da entidade. Ora, haviam várias salas completamente abandonadas, cheias de lixo, "pedindo" para serem ocupadas. Essa ocupação do espaço ia ao encontro do objetivo da nova coordenação do Centro de Criatividade, de alargar as atividades deste para outras práticas, até então ausentes, como as atividades cênicas. Esse fator, por um lado, sacrificou o programa de atividade e por outro abriu espaço para um série de novas atividades não somente do Centro de Criatividade como também de fora, como por exemplo, ensaios de grupos de teatro e de conjuntos de rock.

Outra modificação operada pela nova coordenação foi em relação aos cursos. Além da inclusão das atividades cênicas, o sistema es-

tanque de atividades isoladas existentes foi substituído por doze oficinas. "Numa oficina não há compromissos rígidos com um programa de conhecimentos", esclarece Alex Chacon. "Você trabalha a partir do grupo humano que possui. O programa fica num segundo plano e é definido de acordo com a resposta deste grupo". São doze as oficinas regulares: cerâmica, fotografia, tecelagem, gravura/metal, serigrafia, técnicas de impressão, teatro de bonecos, teatro para adultos, teatro para adolescentes, dança, dança para idosos e oficina da palavra. Outro objetivo do Centro é a procura da interação dessas atividades. Algumas experiências neste sentido já foram realizadas e pretende-se acentuar a interação buscando inclusive a integração das diversas práticas artísticas.

Após esse primeiro período de "trabalho silencioso, de formiga, de operário", como qualificou Alex Chacon, que serviu para observar as imperfeições decorrentes da mudança de orientação do Centro de Criatividade, a coordenação pretende implantar vários projetos que já estão na mesa do Conselho Deliberativo da Funda-

ção Cultural à espera de serem aprovados.

Pretende-se iniciar um novo ciclo de atividades no dia 15 de janeiro. As oficinas ocupariam os dois meses de verão e trabalhariam em uma temática geral que possui uma tremenda força motivadora, o Carnaval. Alex Chacon espera que essa experiência dê em samba: "De repente isto poderia resultar num bloco carnavalesco".

Esse primeiro projeto é apenas o mais eminente dos planos mirabolantes de Alex Chacon (que, para quem não sabe, concebeu o Dragão das Diretas) e das "cabeças pensantes" do Centro de Criatividade. Assumindo um compromisso com a comunidade brasileira, a entidade elaborou alguns projetos que visam atingir uma parte mais abrangente da sociedade local e não apenas um grupo restrito de artistas.

Pretende-se realizar um convênio com o INPS para a execução de um programa de atividades artísticas com os funcionários desta instituição. Esse trabalho contribuiria para a transformação do espírito do funcionário público, que consequentemente passaria a

atender melhor a comunidade. Alex explica: "Brasília possui um perfil sociológico de burocrata. Este termo está ligado a uma série de conceitos e caricaturas que, ao longo do tempo, aliado ao próprio trabalho burocrático, acabaram minando o indivíduo, retirando a sua auto confiança, a sua capacidade criativa e a sua iniciativa. Partindo-se da premissa de que o trabalho com explosivos, o programa Visa alterar comportamento que resultam da prática burocrática".

Uma creche alternativa também está nos planos da coordenação do Centro, solucionando o problema das mães e pais que não podem frequentar o Centro por causa dos filhos. A proposta é extensiva aos filhos dos funcionários e, naturalmente, a creche funcionaria como mais uma oficina.

O Centro de Criatividade está elaborando outros projetos além das oficinas regulares. Espera-se que a comunidade tome conhecimento dessas atividades. A divulgação é pouca, pois a FCDF não dispõe de recursos para intensificar este setor, que fica sujeito à sensibilidade da imprensa.